

FILIAÇÃO DA FECOMERCIÁRIOS À UGT FORTALECE AINDA MAIS A CENTRAL QUE AGORA AGREGA O MAIOR NÚMERO DE SINDICATOS DE COMERCIÁRIOS NO BRASIL



UGT REALIZA O PRIMEIRO GRANDE ENCONTRO ENTRE CENTRAIS SINDICAIS E O MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO



GOLPE DE 1964

50 anos depois o Brasil procura novas verdades



50 ANOS DO FATÍDICO GOLPE MILITAR DE 64. Pág. 30

UGT INAUGURA COORDENADORIAS REGIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO..... 4

UGT PROMOVE SEMINÁRIO EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO TRABALHADOR..... 5

NÃO À PRECARIIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO..... 6

FECOMERCIÁRIOS SE FILIA À UGT..... 8

UGT PROMOVE LANÇAMENTO DE CARTILHA PARA ENFRENTAR O RACISMO NO TRABALHO..... 11

50 MIL PESSOAS COBRAM AVANÇO PARA AS PAUTAS TRABALHISTAS..... 12

ENCONTRO ESTADUAL SOBRE MEDICINA DO TRABALHO..... 14

MAIS 12 SINDICATOS DE MG FILIADOS À UGT..... 15

SOMENTE A ORGANIZAÇÃO COM LUTA LEVARÁ AO FORTALECIMENTO DA UGT..... 16

UGT-AM INTENSIFICA AÇÕES EM PROL DE MORADIA PARA A POPULAÇÃO..... 18

FÓRUM SOCIAL TEMÁTICO 2014..... 20

CENTRAIS E MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO NA MESMA MESA..... 22

NENHUM PROFISSIONAL PAULISTA PODE GANHAR MENOS QUE R\$ 810..... 24

UGT PARANÁ REALIZA PLENÁRIA E FIRMA PARCERIAS..... 26

FESMEPAR REALIZA ENCONTRO DOS SERVIDORES PÚBLICOS..... 27

FEDERAÇÃO DE PESCADORES DO MARANHÃO CONQUISTA CARTA SINDICAL APÓS 81 ANOS..... 28

50 ANOS DO FATÍDICO GOLPE MILITAR DE 64..... 30

ATO EM REPÚDIO AOS 50 ANOS DO GOLPE MILITAR..... 34

QUALIFICAÇÃO: DESAFIO QUE PRECISA SER ENFRENTADO!..... 35

O SINDIAPI ADVERTE: APOSENTADORIA NO BRASIL FAZ MAL À SAÚDE..... 36

INTERCÂMBIO BRASIL E ARGENTINA..... 37

ESTE É UM ANO PARA TORCER E COMEMORAR. PELO MENOS É O QUE TODOS QUEREM..... 38

SINDICATO DOS PADEIROS FAZ DE 2014 O ANO DA LUTA E DAS CONQUISTAS DA CATEGORIA..... 40

SUGESTÕES PARA SAIRMOS DA MARCHA LENTA..... 42

UGT QUER AUTONOMIA DA MULHER NO ESPAÇO PROFISSIONAL..... 44

POSSE DA DIRETORIA DO SATED-SP..... 48

ONU DECLARA QUE 2014 É O ANO DA AGRICULTURA FAMILIAR..... 50

A AGRICULTURA FAMILIAR E O COMBATE À FOME NO MUNDO..... 52

NELSON MANDELA: UM ÍCONE DA LUTA PELA IGUALDADE RACIAL..... 54

DEMOCRACIA E DESENVOLVIMENTO SEM RACISMO..... 56

FORÇAS INTERNACIONAIS DE PAZ DA ONU CONDECORAM RICARDO PATAH..... 57

O BRASIL PRECISA DE POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA AS FAMÍLIAS DAS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA..... 58

OS ATAQUES NÃO NOS ASSUSTAM



O movimento sindical brasileiro vem sofrendo ataques de setores conservadores e de boa parte da mídia, cujo objetivo é enfraquecer a luta dos trabalhadores. Não bastasse o enfrentamento com os empresários, na luta para garantir nossos direitos, agora o Ministério Público resolveu interferir no custeio dos sindicatos, obrigando muitas entidades a adotarem medidas contrárias àquelas

decididas em legítimas assembleias dos trabalhadores. Essas ações em nada ajudam o trabalhador. Pelo contrário. Ao impedir que a classe trabalhadora financie suas instituições, o MP está favorecendo os empresários e enfraquecendo os sindicatos, fazendo com que nossas instituições fiquem fragilizadas e sem recursos para desenvolverem sua luta contra o capital.

Esses ataques não nos assustam. Os trabalhadores estão acostumados a embates mais ferrenhos. Foi assim, por exemplo, na luta contra a Ditadura Militar. Perseguidos, presos, torturados e, em alguns casos, mortos, os trabalhadores não se intimidaram e tiveram papel fundamental na redemocratização do País. A história brasileira tem em suas páginas o registro da importância do movimento sindical. O fortalecimento e a valorização da classe trabalhadora assustam. Assustam porque já demonstramos que somos capazes de interferir no processo político e econômico para mudar e, certamente, são essas mudanças que preocupam aqueles que nos atacam. A organização da classe trabalhadora só a ela pertence. Hoje o movimento sindical promove debates em busca de respostas sobre "qual o Brasil que queremos" e, com certeza, não é o mesmo daqueles que nos atacam.

Marcos Afonso de Oliveira
Secretário de Imprensa da UGT

EXPEDIENTE

Presidente
Ricardo Patah

Conselho editorial
Antonio Carlos Reis
Enilson Simões de Moura
Laerte Teixeira da Costa
Antônio M. Thaumaturgo Cortizo
Lourenço Ferreira do Prado
José Roberto Santiago
Davi Zaia
Severino Ramos
Canindé Pegado
José Moacyr Pereira
Francisco Pereira de Souza Filho
Benedito Antonio Marcelo
Arnaldo de Souza Benedetti
Otton da Costa Mata Roma
Marcos Afonso de Oliveira
Valdir Vicente de Barros
Mônica da Costa Mata Roma
Eleuza de Cássia Buffeli Macari
Josineide de Camargo Souza

Secretário de Imprensa da UGT
Marcos Afonso de Oliveira
MTb 62.224

Jornalista Responsável
Mauro Ramos
MTb 11.875

Edição
Elaine Gazonni

Redação
Fábio Ramalho
Giselle Corrêa
Joacir Gonçalves
Mariana Veltri

Programação Visual, artes e diagramação
Antonio Laudate

Fotos
FH Mendes / Arquivo da UGT

Revisão
Ana Castanho



PARA NÃO ESQUECER OS ERROS DO PASSADO

Ricardo Patah,
presidente nacional da UGT

Já se passaram 50 anos. Longos 50 anos. Mas parece que foi ontem que o País foi tomado de assalto pelo golpe militar desfechado em 31 de março de 1964. Desde aquele dia, quando o poder foi tirado pela força das armas de quem o ocupava legitimamente, pois havia sido eleito pelo povo para tal, o País viveu um dos períodos mais violentos e sangrentos de nossa história. Os danos estão latentes até hoje na sociedade brasileira. Foram 21 anos vivendo sob um regime de força que calou os sindicatos e as instituições políticas. Torturou, prendeu, sufocou e matou brasileiros que se opunham ao regime ditatorial. Diferentes segmentos da sociedade como sindicalistas, estudantes, intelectuais, artistas, professores e todos aqueles que levantavam a voz para dizer basta foram perseguidos ou jogados nos porões do regime. Alguns pagaram com a própria vida. Outros foram obrigados a deixar o País. Tudo isso fez com que o Brasil entrasse numa guerrilha urbana, com muitas famílias pagando com o sangue derramado por seus filhos.

Mesmo 50 anos depois, muitas feridas ainda estão abertas e algumas sangram na busca pelos desaparecidos. Nada mais justo do que a luta pelo direito à memória, à verdade e à justiça travada até hoje por centenas

de famílias que reivindicam pela abertura dos arquivos da ditadura militar. Esse é um processo legítimo para que se estabeleça a verdade e se resgate a memória dos que foram perseguidos, exilados e torturados. Muitos sindicalistas cassados, presos e injustiçados assistiram a legiões de trabalhadores perderem seus empregos e serem submetidos a arrocho salarial sem ter o sagrado direito de contestar usando a arma que possuíam: a greve.

A Comissão da Verdade, cujo princípio é encontrar essas respostas, tem avançado nos seus objetivos. Ela faz parte representantes de todo segmento da sociedade, inclusive sindicalistas. O trabalho ali desenvolvido é muito importante, pois percebe que o Brasil começa a acertar as contas com sua própria história. E é isso que todos queremos.

O acerto de contas com o passado é para que se estabeleça a verdade, a justiça e a memória dos que foram brutalmente assassinados, perseguidos, exilados e torturados. Em nome dos que tiveram os direitos políticos, civis, sindicais e sociais cassados e também de multidões de trabalhadores que sofreram o desemprego, o confisco, o arrocho salarial e os ritmos deprimentes do trabalho.

O movimento sindical, um dos mais afetados pela ditadura militar e o principal alvo do regime, não podia

se omitir nesse momento. Estamos na Comissão da Verdade em busca da verdade. Mas é importante destacar que não estamos fazendo uma campanha de caça às bruxas. Como parte integrante da história, queremos restabelecer a verdade para que as futuras gerações conheçam seu passado, pois só conhecendo o passado pode se estabelecer objetivos para não repetir os erros no futuro e o golpe militar de 64 foi o maior erro que a história do País registra.





UGT inaugura COORDENADORIAS REGIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Com o objetivo de ampliar o atendimento aos trabalhadores e trabalhadoras das entidades filiadas à União Geral dos Trabalhadores (UGT), a Central iniciou, em 2014, um processo de fortalecimento de suas ações por meio da implantação de oito coordenadorias regionais: Presidente Prudente, São José do Rio Preto, Ribeirão Preto, Campinas, São José dos Campos, Baixada Santista, Marília e Grande São Paulo.

"Este é um Estado muito grande e, desta forma, estaremos aproximando ainda mais a UGT de suas filiadas, podendo melhorar o diálogo entre as entidades e fortalecendo nossa atuação para solucionar as dificuldades peculiares que cada sindicato enfrenta em sua região", explica Ricardo Patah, presidente nacional da UGT.

A cidade de Presidente Prudente, no oeste paulista, foi o primeiro município do Estado a receber uma coordenadoria regional da UGT. A inauguração contou com a participação de expressivas autoridades e um grande número de dirigentes sindicais da região.

A maior proximidade entre a Central e as entidades filiadas possibilita avançar com discussões fundamentais para a ampliação da luta do movimento sindical em cada região do Estado



LUCRÉCIO DE ALENCAR
é coordenador regional da UGT Presidente Prudente

O secretário de Organização e Política Sindical da UGT, Chiquinho Pereira, destacou que os desafios da

Central são muito grandes e enfatizou a importância da inclusão da discussão de políticas públicas como educação, saúde, segurança, transporte, habitação e cultura na pauta do movimento sindical. "Estamos aqui para organizar as entidades sindicais na busca de novos caminhos para a classe trabalhadora", disse Chiquinho.

O coordenador regional da UGT em Presidente Prudente, Lucrécio de Alencar Castelo Branco, falou da importância da implantação da nova coordenadoria na região. "Esse fato vai entrar para a história do nosso movimento sindical, dado o ineditismo da situação, que antecede a instalação da estadual de São Paulo."

REPERCUSSÃO



"É um orgulho para a cidade termos uma Coordenadoria da UGT que já começa com muita força em Presidente Prudente"

Walmir da Silva Pinto, presidente da Câmara Municipal de Presidente Prudente

"Sem sombra de dúvida esta Coordenadoria irá fortalecer a luta dos trabalhadores da nossa região"

Jefferson Borges, presidente da UGT do Mato Grosso do Sul



UGT PROMOVE SEMINÁRIO EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO TRABALHADOR

Pela primeira vez no sindicalismo brasileiro, um evento busca discutir a organização da classe trabalhadora desde o século XIX até as mobilizações que ocorrem nos dias atuais

O debate sobre a atual conjuntura política globalizada, o papel que o movimento sindical exerce neste cenário e as mudanças sociais e econômicas que estão ocorrendo na vida da classe trabalhadora mundial são temas que a União Geral dos Trabalhadores (UGT), em parceria com o CESIT (Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho) e a Unicamp, irá abordar no Seminário Internacional "Sindicalismo Contemporâneo: 1º de Maio - uma nova visão para o Movimento Sindical Brasileiro".

O evento, que acontecerá nos dias 28 e 29 de abril, no Novotel Center Norte, em São Paulo, busca fazer um resgate do que representam as comemorações do Dia do Trabalhador, 1º de Maio, um período de lazer e descanso, mas também de reflexão, em que a classe trabalhadora se reunia para grandes assembleias para fazer um balanço sobre o ano que havia passado e para traçar estratégias de luta para os meses seguintes.

De forma inédita no sindicalismo brasileiro, a UGT propõe uma ampla discussão sobre o que foi o movimento sindical em outros tempos e como a organização da classe trabalhadora, atualmente, se mobiliza por reivindicações que ultrapassam as fronteiras entre capital e trabalho e exige mudanças mais amplas, que visam melhorar a qualidade de vida da população cobrando melhoria em setores como saúde, educação, mobilidade urbana, saneamento básico, qualificação profissional, entre outros.

"Hoje, o sindicalismo já não reivindica somente aumento salarial. É um conjunto de ações que fortalecem a economia do País com valorização da classe trabalhadora, criação de novos postos de emprego, melhor distribuição de renda para a população e jornadas dignas de trabalho", explica Francisco Pereira (Chiquinho), secretário nacional de Organização e Políticas Sindicais da UGT.

O Seminário terá seis mesas de debates: Trabalho no capitalismo contemporâneo; Trabalho e desigualdades; Movimentos sociais; Sindicalismo no capitalismo contemporâneo; Tendências das relações de trabalho e impactos na organização sindical; Sociedade, economia e trabalho: a visão dos trabalhadores.



Victor Báez



Mike Fichter



Guy Standing



Pierre Salama



Helena Hirata

Estarão presentes economistas e sociólogos de renome internacional como Andréia Galvão, Dari Krein, Víctor Báez, Rafael Guerra, Robert Lawson, Luiz Gonzaga Belluzzo, Guy Standing, Ricardo Antunes, Henrique Meireles, Helena Hirata, Pierre Salama, Luiz Carlos Azedo, Adalberto Cardoso, Magda Biavaschi, Paulo Eduardo Baltar, Henrique Castro, Marcos Nobre, Mike Fichter, Armando Boito e José Ricardo Ramalho.



NÃO À PRECARIZAÇÃO das relações de trabalho

PARECE PIADA PRONTA, MAS NÃO É! O GOVERNO FEDERAL QUER PRECARIZAR AINDA MAIS AS RELAÇÕES DE TRABALHO EM NOSSO PAÍS

O Ministério do Trabalho e Emprego e setores do governo federal pretendem editar uma portaria flexibilizando a contratação de trabalhadores temporários pelo setor privado. Essas contratações anteriormente visavam somente a Copa do Mundo da FIFA, entidade máxima do futebol e que tem mandado e desmandado em nossa soberania nacional. Essa medida escraviza o trabalhador brasileiro.

Essa medida é apelidada de “MP do Magazine Luiza”, 2ª maior rede varejista do Brasil, comandada pela empresária Luiza Trajano. O lobby é grande e, caso isso aconteça, será na prática o maior desrespeito à CLT – Consolidação das Leis do Trabalho, à Constituição Federal e, principalmente, à classe trabalhadora brasileira como “Nunca antes na história deste país...”.

A proposta permite que empresas, principalmente indústrias e co-

mércio varejista, façam contratos temporários diretamente com os trabalhadores por 14 dias, renováveis (com intervalo de 7 dias corridos) até o limite de 60 dias por ano. E quem ganha com isso? Claro que são as grandes redes de varejo, dentre as quais a Magazine Luiza, que alegam que essa medida irá reduzir os custos de mão de obra para as empresas. A pergunta é: quem mais perderá com isso? Claro que serão os trabalhadores, pois um trabalhador sem registro em carteira ficará sem direito aos benefícios sociais, tais como direito à aposentadoria, além de ficar totalmente desprotegido em caso de acidente de trabalho.

Vale lembrar que, desde 1974, ou seja, há quarenta anos, existe a Lei 6.019/74, que trata da contratação dos trabalhadores temporários. De acordo com essa Lei, os trabalhadores são contratados por meio de uma empresa específica que presta serviços aos tomadores de serviços. Por este modelo de contratação, os trabalhadores têm direito ao 13º salário proporcional, férias, FGTS – exceto a multa de 40%, mesma remuneração que o empregado da empresa tomadora de serviços e, principalmente, estão protegidos pelas Leis Trabalhistas vigentes.

A UGT – União Geral dos Trabalhadores, 3ª maior central sindical brasileira e a maior no Paraná, presidida nacionalmente pelo comerciante Ricardo Patah, e o Sindicato dos Comerciantes de São Paulo (maior sindicato da América Latina), lançaram em 2013 uma campanha contra a informalidade no trabalho, que contou com o apoio do Ministério da Previdência Social, visando o registro formal em carteira de trabalho, pois acreditamos que essa é uma das formas de capitalizarmos e garantirmos o direito à aposentadoria digna para toda a classe trabalhadora brasileira.

Mantendo o princípio da coerência e da prática de um sindicalismo

cidadão, ético e inovador, a UGT não pode e não deve apoiar tal projeto (MP do Magazine Luiza), que precarizará ainda mais os direitos dos trabalhadores.

Acredito que somente com a união de todas as entidades de trabalhadores e com o apoio da classe trabalhadora é que conseguiremos barrar tal iniciativa que atenta contra o trabalho decente, tão preconizado pela OIT – Organização Internacional do Trabalho, organismo das Nações Unidas, da qual o Brasil é país membro e participa ativamente de suas convenções. Caso contrário, estaremos vivendo novamente o estado de escravidão legalizado.

Parodiando o slogan da Magazine Luiza, escrevo o seguinte aos empresários que só pensam no lucro incessante e tentam de todas as formas jogar no lixo os direitos trabalhistas: “Vem ser feliz e nos ajudem na construção de um País digno, com trabalho decente, salários decentes, condições seguras de trabalho, com direito a lazer e qualidade de vida”.



PAULO ROSSI é presidente da UGT-PARANÁ, do SINEEPRES - Sindicato que representa os trabalhadores temporários no Estado do Paraná e Secretário de Relações Internacionais da FENASCON - Federação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Prestação de Serviços

UGT SE CONSOLIDA COMO A CENTRAL QUE AGREGA O MAIOR NÚMERO DE SINDICATOS DE COMERCÍARIOS NO BRASIL

“Este ato fortalece por demais a nossa luta por uma sociedade mais justa e igualitária, além de dar um impulso importante para a categoria comerciária, que está no meu DNA”, explica Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT) durante a cerimônia de filiação da Federação dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercários) à Central, que aconteceu em 13 de fevereiro, na capital paulista.

O evento reuniu representantes dos 68 sindicatos de comerciários do Estado que compõem a base da Federação e, durante votação extraordinária, oficializaram por unanimidade a filiação da Fecomercários à UGT. “Estamos ingressando na Central que está mais próxima dos objetivos da nossa categoria. E, com essa unidade, vamos fortalecer ainda mais o trabalho em defesa dos profissionais do setor não só do estado de São Paulo, mas também de todo o Brasil”, afirmou Luiz Carlos Motta, presidente da Fecomercários.

Esta união faz com que a UGT se torne a Central que agrega o maior número de entidades sindicais de comerciários no Brasil. Isso amplia a luta, pois solidifica a base ugetista e tem como objetivo reunir o maior número de profissionais desse setor para que a categoria tenha mais poder de negociação junto às entidades patronais.



A unidade que fortalece o setor e contribui para avançar com as reivindicações da categoria também é fundamental para a luta ugetista pela valorização da classe trabalhadora brasileira e pela construção de políticas públicas que visem melhorar a qualidade de vida da população

A cerimônia, por conta de sua importância não só para a luta comerciária, mas para o conjunto das ações que a UGT desenvolve em prol da classe trabalhadora brasileira, contou com a presença de líderes sindicais de todo o País e de diversas categorias profissionais, assim como parlamentares e militantes.

O evento contou com a presença de Davi Zaia (secretário de Gestão do Governo do Estado de São Paulo), Laércio Ribeiro (vice-presidente da UGT), Salim Reis (vice-prefeito de Carapicuíba), Moacyr Pereira (Sindi-

cato de Asseio e Conservação de São Paulo), Waldemar Schulz Júnior – Mazinho (presidente da UGT Santa Catarina), Maria Bernadete (Federação Nacional dos Secretários e Secretárias) e com a participação de representantes da categoria comerciária de diversos estados da federação, como: José Francisco (Pará), Severino Ramos (Recife), Márcio Fattel (Bahia), Otton Mata Roma (Rio de Janeiro), Elisabete Madrona (Paraná), Vicente Silva (Paraná), Ronildo Torres de Almeida (Sergipe), Marcos de Holanda Moura (Piauí), Edson Garcia (Goiás e

Tocantins), Walmir de Almeida Lima (Norte e Nordeste), José Rodrigues (Belo Horizonte e região), Charles Fernandes (Cruzeiro), Lia Marques (Votuporanga), Amauri Mortado (Tupã), entre outros.

“Este fato não é restrito a São Paulo, pois esta é uma unidade fundamental para enfrentar os desafios da categoria comerciária, mas também fortalece a luta da UGT por uma sociedade mais justa e igualitária, com qualidade de vida para a população e melhor distribuição de renda”, esclarece Patah.

Entre as lideranças presentes, a união entre UGT e a Fecomercários representou um fator importante que juntou os profissionais que trabalham na capital paulista com os do interior e, desta forma, promoverá o fortalecimento das discussões da categoria em todo o Estado. “Isso facilita muito para nosso setor, pois agora a luta comerciária terá seu coletivo ampliado”, explica José Gonzaga da Cruz, vice-presidente do Sindicato dos Comerciários de São Paulo.

Para Francisco Pereira (Chiquinho), secretário de Organização Sin-

dical da UGT, a Central ganha um reforço muito especial porque o próprio presidente Ricardo Patah pertence à categoria comerciária. “Esta é uma Federação que está fechada com a presidência da UGT, pois todos pertencem à mesma categoria, além de serem sindicatos que estão muito dentro do perfil do que é a Central hoje, uma entidade que não mede esforços para desenvolver ações em prol de todas as categorias profissionais, mas que atualmente é a entidade que mais representa os profissionais que prestam serviço, em que se inserem os comerciários, motoboys, os padeiros, entre outros”, diz Chiquinho.

Edson Ramos, secretário geral da Fecomercários e do Sindicato dos Comerciários de São Paulo afirmou que essa filiação é importante não só para o setor comerciário paulista, mas também para o conjunto da luta da categoria em todo o País. “Esta ação é como uma quebra de paradigma, pois iremos mostrar a nossa unidade imbuída num só objetivo, que é o bem estar dos trabalhadores comerciários do Brasil”, diz.

A UGT é a cara dos trabalhadores e trabalhadoras do comércio. Com a chegada da Federação, a central avançará com um projeto maior, que é o de promover intercâmbio de forma mais ampla entre todos os estados da federação, lembrou Ronildo Torres Almeida, presidente da Federação dos Empregados no Comércio e Serviços do Estado de Sergipe.



Momento da filiação da Fecomercários à UGT

Norte e do Nordeste, que conclui: “Nosso lema não é briga nem é agitação. Buscamos conquistar por meio do diálogo e da negociação”.

QUASE TODOS OS SINDICATOS DE COMERCÍARIOS DE SÃO PAULO SE FILIARAM À UGT

Juntamente com a filiação da Federação dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercários), mais de 60 sindicatos de comerciários que compõem a base da Federação também oficializaram sua entrada na UGT, unificando praticamente todas as entidades do Estado de São Paulo. “Como diz o Motta, ‘juntos somos mais fortes’, assim temos certeza que iremos fortalecer ainda mais a categoria porque a UGT é a cara do comerciário”, diz Jair Mafra, presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio de Mogi das Cruzes, Suzano, Guararema, Salesópolis, Biritiba Mirim.

Essa união é fundamental para a luta do comerciário, uma vez que, ao reunir numa só central a categoria, a UGT busca ampliar as propostas do setor e fazer com que esses projetos tenham maior visibilidade. “A partir de agora, no Estado de São Paulo, estaremos quase que 100% dos trabalhadores comerciários reunidos na mesma central sindical.

José Cloves Rodrigues e José Alves Paixão, respectivamente, presidente e vice-presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio de Belo Horizonte e Região Metropolitana, ressaltaram que tanto Ricardo Patah quanto Luiz Carlos Motta são grandes dirigentes sindicais que, a partir dessa filiação, ampliarão a luta em prol da vitória em relação a pautas unitárias como jornada de trabalho de 40 horas e o fim do fator previdenciário, por exemplo, mas também reforçam a necessidade da unificação da pauta comerciária que visa, entre outras bandeiras de luta, instituir um piso salarial nacional para a categoria.

Segundo o presidente da Federação dos Empregados no Comércio do Estado do Paraná, Vicente da Silva, a união entre a Fecomercários e a UGT é realmente um fato importante para o sindicalismo brasileiro, pois a Federação é a maior entidade da América Latina e, com isso, transforma a Central no símbolo que representa os comerciários no Brasil.

Severino Ramos, deputado estadual por Pernambuco e vice-presidente da UGT, parabenizou a união das entidades e ressaltou que essa ação

estimula a família ugetista a buscar cada vez mais avanços no direito dos trabalhadores do comércio.

“A classe comerciária já é a maior do Brasil e a UGT caminha para tornar a segunda maior central sindical do País. Isso para os comerciários é um grande orgulho porque nunca pensamos em chegar nesse momento, isso é fundamental para vencermos as dificuldades junto ao patronato”, explica Walmir de Almeida Lima, presidente da Federação dos Empregados no Comércio de Bens e de Serviços do



Luiz Carlos Motta e Ricardo Patah

Com certeza este foi um gol de placa que vai dar um upgrade no nosso setor e na luta da classe trabalhadora comerciária”, conta Arnaldo Azevedo Biloti, presidente do Sindicato dos Empregados do Comércio de Santos.

Para João Pereira de Brito, presidente do Sindicato dos Práticos de Farmácia de São Paulo, a filiação da Federação à UGT, juntamente com seus sindicatos de base, é importante porque esta é a Central que realmente tem como foco a luta dos trabalhadores e trabalhadoras do comércio, já que foi a principal protagonista em embates importantes para o setor como na conquista da regulamentação da profissão.

Como o presidente da UGT, Ricardo Patah, também é presidente do Sindicato dos Comerciários de São Paulo, o sindicalismo ugetista é protagonista das principais lutas da categoria comerciária em todo o território nacional. “Fomos filiados a uma central onde não tínhamos espaço, agora estamos nos unindo a uma entidade que tem tudo a ver com a nossa categoria e, desta forma, vamos fortalecer a luta da UGT em defesa dos trabalhadores do comércio”, esclarece José Carlos Aparecido Pelegrini, presidente do Sindicato dos Comerciários de Matão.

Maria Augusto Caetano dos Santos Marques, presidente do Sindicato dos Comerciários de Votuporanga, ressaltou que a UGT, na figura do presidente Ricardo Patah, tem a cara da categoria comerciária e que, com essa união, a família comerciária está em festa. “Temos que fortalecer cada vez mais a nossa categoria e é isso que esse ato promove.”

“Na UGT estamos em casa. Agora vamos caminhar juntos para obtermos benefícios para a categoria como um todo, pois no Brasil existem muitas entidades sindicais que precisam de ajuda para continuar lutando em prol de seus trabalhadores e esta é a Central que desenvolve ações nesse sentido”, conclui Walter dos Santos, presidente do Sindicato dos Comerciários de Guarulhos.

UGT promove lançamento de cartilha para enfrentar o RACISMO NO TRABALHO

Com o objetivo de fortalecer a luta da União Geral dos Trabalhadores (UGT) em prol de igualdade racial e erradicação de toda e qualquer forma de preconceito da sociedade brasileira, a secretaria para Assuntos da Diversidade Humana da Central promoveu, no segundo semestre de 2013, o lançamento da Cartilha de Formação para Debater e Enfrentar o Racismo no Trabalho.

O evento contou com a presença de dirigentes ugetistas de diversos estados da federação e foi fundamental para disseminar, em todas as regiões do Brasil, dados sobre a discriminação no mercado de trabalho, além de difundir cláusulas de convenções coletivas que já garantem um percentual para a contratação da população afrodescendente, como já faz o Sindicato dos Comerciários de São Paulo, pioneiro nesse tema.

Para Ana Cristina Duarte, secretária de Diversidade Humana da UGT, a Central deu um importante passo para o fortalecimento da luta contra o racismo porque, além de promover e apoiar integralmente a cartilha, esse material já foi distribuído para sindicalistas ugetistas em todos os estados da federação. “Esse conjunto de informações nas mãos de dirigentes sindicais será uma importante ferramenta para promoção de ações afirmativas nos locais de trabalho”, explica a dirigente.

A cartilha é uma publicação fruto da parceria entre o Instituto Sindical Interamericano pela Igualdade Racial (Inspir) e o Solidarity Center, organização sem fins lucrativos ligada a American Institute For Free Labor Development (AFL-CIO).





50 MIL PESSOAS VÃO ÀS RUAS DE SÃO PAULO COBRAR AVANÇO PARA AS PAUTAS TRABALHISTAS

Trabalhadores e trabalhadoras de diversas categorias profissionais deram um exemplo de organização e unidade buscando avançar com o conjunto de reivindicações que foram entregues, em 2010, ao Governo Federal

A história de lutas da União Geral dos Trabalhadores (UGT) e das demais centrais sindicais em prol de justiça e inclusão social, valorização da classe trabalhadora, por melhoria na distribuição de renda, pela ampliação dos direitos trabalhistas e pelo desenvolvimento econômico do Brasil ganhou uma nova página com a realização da 8ª Marcha da Classe Trabalhadora.

A manifestação, que reuniu cerca de 50 mil pessoas, aconteceu em São Paulo, dia 09 de abril, saindo da Praça da Sé, região central, e seguindo pelas ruas da capital até o vão livre do Masp, na Avenida Paulista.

De forma pacífica, os militantes, munidos de bandeiras, faixas e balões, mostraram o poder da união e da organização da classe trabalhadora para novamente cobrar do Governo Federal avanços em relação à Agenda da Classe Trabalhadora, conjunto de propostas de interesse da população que já foi entregue, em 2010, a então candidata à presidência Dilma Rousseff, mas que até o momento não saiu do papel.

Segundo Francisco Pereira (Chiquinho), secretário de Organização e Políticas Sindicais da UGT, esta é uma mobilização muito forte e que dá uma demonstração clara de que existe unidade entre as centrais sindicais. "Se essa unidade for levada a sério e abordar, realmente, as bandeiras de luta dos trabalhadores, é possível fazer com que essas reivindicações se transformem em pressão e, assim, o governo nos receberá para discutir estes que são avanços fundamentais para a classe trabalhadora."

A manifestação, organizada pela UGT, CUT, Força Sindical, CTB, Nova Central e CGTB, contou com o apoio e a presença de diversos movimentos sociais, como: estudantes, trabalhadores e trabalhadoras sem terra, sem teto, entre outros.

Durante o ato, um documento unitário das centrais foi aprovado e será encaminhado à presidente Dilma Rousseff. Esse documento contém uma série de propostas e projetos de interesse da classe trabalhadora e busca, acima de tudo, que o governo federal volte a dialogar com os trabalhadores visando o crescimento do País com justiça e inclusão social.

Ricardo Patah, presidente nacional da UGT, lembrou da importância da Marcha para, não só lutar pela conquista do fim do fator previdenciário e redução da jornada para 40 horas semanais, mas na luta pela capacitação, educação e inclusão social. "Uma saudação às mulheres do Brasil, à cor do Brasil, à cor das centrais e dos trabalhadores e trabalhadoras, que estão aqui, reivindicando a cidadania do nosso País. O Brasil está aqui, com a voz nas ruas, mostrando o que queremos de melhor. Nós queremos um Brasil com bons empregos, de inclusão, dos brasileiros e das brasileiras! Viva as centrais sindicais! Viva o Brasil!"



ENCONTRO ESTADUAL SOBRE MEDICINA DO TRABALHO

Em parceria com a Fundacentro, a FIERGS e a Nova Central, foi possível promover um debate tripartite entre trabalhadores, empresários e governo sobre saúde e segurança no trabalho

A União Geral dos Trabalhadores no Rio Grande do Sul (UGT-RS), em parceria com a Fundacentro e com o apoio da Nova Central, promoveu o encontro estadual de Serviços Especializados em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho (SESMT), que aconteceu em 17 de março.

O evento, que reuniu cerca de 1,6 mil pessoas, contou com a presença do ministro do Trabalho e Emprego, Manoel Dias, do titular da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego no Rio Grande do Sul (SR-TE), Flávio Zacher, e de trabalhadores, empresários e representantes do governo e técnicos de segurança do estado que compuseram a plateia tripartite que lotou as dependências do auditório da FIERGS (Federação das

Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul), em Porto Alegre.

Em seu discurso, o ministro enfatizou que o Brasil está num momento muito especial de crescimento, geração de emprego e aumento de renda, o que fortalece a economia do País, mas lembrou de que é preciso ampliar as ações que promovam segurança laboral. "Somos um País que precisa avançar culturalmente nessa questão, pois há poucos anos ninguém usava equipamento de proteção e nem tinha noção do que isso representava para sua qualidade de vida. O governo está priorizando essa questão com ações publicitárias e pensando nisso. Já que agora atingimos a situação de pleno emprego no Brasil, temos que cuidar da segurança e saúde do trabalhador", afirmou Manoel Dias.

Para Flávio Zacher, as ações re-

ferentes à saúde e segurança no trabalho serão reforçadas desde que haja maior diálogo e união entre trabalhadores e empresários. "É importante dialogarmos à exaustão porque, quanto mais conversarmos, mais perto chegaremos de nossos objetivos. É fundamental aproximarmos os técnicos do Ministério do Trabalho

dos técnicos das empresas, assim como aproximar trabalhadores dos líderes de sindicatos patronais. Esse é o caminho e por isso o evento aqui no Rio Grande do Sul só pode ser comemorado", afirmou o superintendente.

Segundo Paulo Barck, para a UGT-RS o evento foi de suma importância, pois durante um dia inteiro os participantes puderam debater estas que são questões fundamentais no mercado de trabalho, promovendo uma interação entre os participantes. "Para nós, este evento trouxe novos elementos que reforçam a luta da Central e promovem a ampliação das nossas ações em prol de melhores condições de vida para trabalhadores e trabalhadoras do Estado", explica o presidente ugetista.

Marcelino Pogozelski, secretário de Saúde e Segurança do Trabalho da UGT-RS, lembrou que todos saem ganhando quando existem investimentos efetivos para a melhoria das condições laborais, pois o trabalhador elimina a probabilidade de um acidente, o empregador descarta os riscos de afastamentos por lesões ou doenças ocupacionais e as empresas melhoram sua produtividade. "É um ciclo benéfico, inclusive à economia do País. O problema é que muitos empresários ainda acreditam que este é um gasto para suas empresas, quando, na verdade, é um investimento", conclui o dirigente.

UGT-RS FORTALECE AÇÕES REFERENTES À SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO

O Encontro Estadual do SESMT foi uma iniciativa ugetista que começou com a ideia de se promover um evento para o fortalecimento da necessidade de as empresas investirem em equipamentos que eliminem riscos de acidentes de trabalho e para reforçar que é preciso ampliar as fiscalizações, mas, quando o convite foi feito para a Superintendência Regional do Trabalho e Emprego no Rio Grande do Sul, imediatamente a proposta foi aceita e encaminhada para o MTE e a Fundacentro. "Ficamos surpresos porque, por meio da FIERGS, o setor empresarial também participou em peso do evento e isso é fundamental para a ampliação do diálogo entre todas as partes, tanto que tivemos que mudar três vezes o local por conta do número de inscritos", esclarece Paulo Barck.

O evento contou com representantes de todos os sindicatos filiados à UGT-RS que, além de enriquecerem os debates, são multiplicadores dessas informações, já que esses dirigentes trabalham diretamente com a classe trabalhadora e podem retransmitir tudo o que foi debatido durante o encontro.

MAIS 12 SINDICATOS DE MG FILIADOS À UGT

Central que mais cresce em Minas Gerais amplia sua base focando no avanço de um sindicalismo ético, democrático e inovador

Já nos primeiros meses de 2014, a União Geral dos Trabalhadores (UGT), no Estado de Minas Gerais, registrou um expressivo crescimento com a filiação de 12 novas entidades que fortaleceram as



Deputado Ademir Camilo recepciona dirigentes sindicais recém filiados à UGT-MG

ações da Central que, na busca por uma sociedade mais justa para todos, ultrapassa as barreiras da luta de classes e busca construir políticas públicas que melhorem a qualidade de vida da população.

As entidades correspondem a diversas categorias profissionais do Estado. Entre elas estão o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Ferro e Metais Básicos de Belo Horizonte, Nova Lima, Itabirito, Sabará, Santa Luzia, Raposo e Rio Acima (Metabase); Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Álcool de Nanuque; Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde de Uberaba; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil de Uberaba; Sindicato dos Químicos de Uberaba; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil de Passos; Sindicato dos Trabalhadores no Turismo e Asseio do Vale do Mucuri; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Teófilo Otoni; Sindicato dos Trabalhadores nas Empresas de Fabricação, Beneficiamento, Transformação e Instalação de Vidros, Cristais, Espelhos, Vidro Ótico, Vidro Oco e Artesanal e na Fabricação de Cerâmica de Louças e Porcelanas dentro do Estado de Minas Gerais (Sindvidros-MG); Sindicato dos Técnicos em Tributação, Fiscalização e Arrecadação do Estado de Minas Gerais (Sinffaz).

Segundo Ademir Camilo, deputado federal e presidente da UGT-MG, esta é a demonstração de que as ações que a UGT está fazendo em todas as regiões mineiras mostram seus resultados positivos e ampliam a luta

da classe trabalhadora pela melhoria das condições de trabalho e de vida da população.

Tanto no território mineiro quanto nos outros estados da federação, a UGT vem se consolidando como protagonista nas ações que ultrapassam os limites da luta da classe trabalhadora, tornando-se o elo entre a sociedade e diversas camadas do poder público, principalmente, na elaboração de propostas e projetos que busquem a construção de políticas públicas que visem o crescimento social e econômico do País.

Para Ricardo Patah, presidente nacional da UGT, este é o grande diferencial da Central que, além de promover atividades pela ampliação dos direitos trabalhistas, busca também elaborar projetos e propostas que têm como objetivo melhorar questões fundamentais para a sociedade brasileira como: educação, saúde, moradia, mobilidade urbana, acessibilidade, inclusão social, distribuição de renda, entre outras ações.

"Este é o reconhecimento da nossa luta e de todo o nosso trabalho, pois estas filiações representam o resultado de ações que desenvolvemos pela valorização da classe trabalhadora no Estado e pela construção de políticas públicas que são fundamentais para a população mineira", conclui Ademir Camilo.

A Secretaria de Organização e Políticas Sindicais terminou o ano de 2013 com muito trabalho político-sindical. Foram praticadas inúmeras ações, mas outras tantas ficaram, como está previsto no Plano de Ações da atual gestão da Central, para os anos de 2014 e 2015. Essas atividades têm como foco o fortalecimento ugetista nos respectivos Estados e, conseqüentemente, busca promover o crescimento nacional da entidade, cujo objetivo é garantir e ampliar as conquistas da classe trabalhadora e avançar nas questões de interesse da sociedade.

Em 2013, nossa Central conquistou muitas vitórias, graças ao esforço de todas as entidades sindicais filiadas e de cada dirigente. Foi uma árdua luta político-sindical e social, pautada num sindicalismo ético, cidadão e inovador, sempre trilhando caminhos por uma atuação independente, com o compromisso de fortalecer a luta da UGT por meio da formação consciente dos dirigentes sindicais.

Desta forma, a Central avança com sua política de não compactuar com meios que fogem daqueles que levem, tão somente, à defesa dos direitos dos trabalhadores, de forma transparente e participativa, sem perder, no entanto, os princípios do movimento sindical na sua origem, tendo a consciência de que a luta atualmente se depara com um mundo moderno e um capitalismo contemporâneo muito mais articulado internacionalmente, o que exige do movimento sindical maior compreensão e novas formas de agir e fazer sindicalismo para podermos construir uma Central com visão política que aponte para um Brasil melhor, com justiça social e direitos de oportunidades iguais para todos.

2014 SERÁ UM ANO DE MUITO TRABALHO

Para 2014 teremos uma agenda com inúmeras ações a serem cumpridas, por isso mesmo iniciamos o ano com muito trabalho: no mês de janeiro já foram promovidos Ciclos de Debates nas UGT's Rio de Janeiro e Santa Catarina, além de Encontros Regionais no Estado de São Paulo para formação das Coordenadoras, com vistas à fundação da UGT no Estado, destacando que a filiação da Fecomerciantes, e da maioria dos sindicatos a ela filiados, traz uma importante contribuição para a organização da UGT no Estado de São Paulo, fortale-

SOMENTE A ORGANIZAÇÃO COM LUTA LEVARÁ AO FORTALECIMENTO DA UGT



cendo a atuação ugetista e promovendo maior comunicação entre a Central e os sindicatos filiados, visando, acima de tudo, avançar com as pautas de luta regional da classe trabalhadora, além de buscar soluções para as dificuldades pontuais que os sindicatos enfrentam.

TEMOS QUE NOS PREPARAR PARA ENFRENTAR OS DESAFIOS

Muitas são as ações político-sindicais, sociais e culturais que já estão em andamento com a participação efetiva da nossa Secretaria para atender as UGT's Estaduais. Por exemplo, o Programa de Ciclos de Debates em diversos estados da federação, em que serão promovidos Ciclos de Debates, Seminários e Palestras para formação político-sindical de dirigentes em todo o Brasil.

Vamos fortalecer a luta em favor das importantes causas de interesses dos trabalhadores e da sociedade previstas nas Resoluções do 2º Congresso Nacional Ordinário da UGT e interceder junto ao Congresso Nacional para regulamentar todos os artigos da Constituição Federal de interesse dos trabalhadores que ainda continuam pendentes de regulamentação.

A UGT E O PLEITO ELEITORAL

Outro grande desafio que temos neste ano são as eleições gerais. Nossos dirigentes devem participar efetivamente do processo eleitoral, seja disputando cargos no legislativo, no executivo ou apoiando candidatos que representem a classe trabalhadora. A ampliação de representantes da UGT no Congresso e nas Assembleias Legislativas é de fundamental importância para aprovarmos projetos de interesses da sociedade e conquistarmos avanços para os trabalhadores e trabalhadoras.

Há que se compreender que os avanços nas questões relativas às políticas públicas – educação, saúde, moradia, segurança, saneamento básico e tantas outras dependem das decisões do Congresso Nacional, daí a fundamental importância de elegermos representantes da classe trabalhadora, afinal são os trabalhadores os únicos a produzirem riquezas.

Assim, unidos de forma participativa e bem preparados, construiremos um sindicalismo inovador, que tenha na organização, no conhecimento e na mobilização social os pilares para ampliarmos nossa capacidade de negociação em favor dos trabalhadores (as) e em defesa das questões de interesse da sociedade.

UGT AMAZONAS INTENSIFICA AÇÕES EM PROL DE MORADIA PARA A POPULAÇÃO



O Residencial Verona Premium, localizado na BR 174, Km 01, em Manaus, vem causando muitas dores de cabeça para 50 famílias que buscam na justiça o direito de morarem em seus imóveis.

O empreendimento impressiona pelo tamanho e localização que, somados às vantagens de pagamento a perder de vista, viraram um “prato” cheio para quem sonha com a casa própria. Contudo, o sonho não se tornou realidade graças aos inúmeros atrasos e às irregularidades cometidas pela construtora.

Marcos Paulo, 35 anos, foi atraído pelas vantagens da construtora e pelo financiamento da Caixa Econômica Federal por meio do Programa Social Minha Casa Minha Vida, do Governo Federal, com descontos de até R\$ 17 mil, mas ele não esperava que a Construtora Premium fosse falhar na entrega dos imóveis. “Eu sonhei com isso, investi para ter um con-

forto com minha família. Hoje temos vários problemas que aparecem sem a obra estar concluída, calçadas mal feitas, parte hidráulica comprometida, sistema elétrico que pode causar um dano maior a qualquer pessoa. Tudo isso nos deixa sem chão”, enfatizou.

Com o crescimento do mercado imobiliário em Manaus, a redução de juros em financiamentos e os incentivos para o setor da construção civil acabam atraindo investidores do setor e facilitando para o consumidor ter sua casa própria. Mas, para a secretária de Política de Habitação da UGT-AM, Jane Farias, este é um problema grave que vem aumentando em todo Brasil, particularmente no Amazonas. As construtoras chegam sem ter sequer noção da realidade da região, que é diferente de qualquer cidade brasileira. “Temos acompanhado esses tipos de situação, construtoras chegam à cidade sem saber ao menos sobre as condições climáticas, geográficas e até mesmo sobre a política munic-

pal de preservação do meio ambiente. É necessário que estas empresas se enquadrem e aí então comecem a oferecer seus serviços para essa gente que sonha com a casa própria”, enfatizou.

Depois de adiarem por três vezes a entrega do empreendimento, desta vez por ordem do Ministério Público, uma nova data foi estabelecida. Abril deste ano é o prazo final para que as famílias que compraram seus imóveis com tanto sacrifício possam desfrutar de seus bens.



JANE FARIA
secretária de Política de Habitação da UGT-AM

UGT-AM orienta 50 famílias que podem ser prejudicadas por construtora em Manaus



FÓRUM SOCIAL TEMÁTICO 2014

UGT defende que o movimento sindical precisa ser administrado e sustentado única e exclusivamente pela classe trabalhadora e que a interferência pública nas ações sindicais prejudica a atuação das entidades

Em meio às inúmeras manifestações em homenagem às vítimas do incêndio da Boate Kiss, de Santa Maria, e a exigência por justiça para que os culpados pela tragédia, que vitimou 234 pessoas e completou um ano, sejam punidos, a União Geral dos Trabalhadores (UGT) participou da edição 2014 do Fórum Social Temático, que aconteceu entre os dias 21 e 26 de janeiro, em Porto Alegre.

Mesmo embaixo de sol forte, a delegação ugetista enfrentou o calor de quase 40 graus e acompanhou cerca de 10 mil pessoas que participaram da marcha de abertura do Fórum, que reuniu representantes dos movimentos sociais e das centrais sindicais que, munidos de faixas, bandeiras e cartazes, percorreram as ruas da cidade e defenderam pautas que buscam debater com a sociedade as mudanças necessárias para que, assim como diz o slogan do evento, um novo mundo seja possível.

Entre as bandeiras levantadas na abertura do Fórum estão: a reforma política, crise capitalista, enfrentamento ao neoliberalismo e reforma agrária. Durante todo o Fórum, co-



Militância ugetista participa da marcha de abertura do FST 2014

mo já é tradicional, aconteceram diversas ações espalhadas por toda Porto Alegre, que promoveram o debate e a discussão sobre as bandeiras de luta da classe trabalhadora e dos diferentes movimentos sociais que buscam avançar com ações que promovam melhoria na qualidade de vida das populações, inclusão social e sustentabilidade.

O FORTALECIMENTO DA ORGANIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA

Durante seu discurso no Seminá-

rio "Mundo do Trabalho e Crise Capitalista", Ricardo Patah, presidente nacional da UGT, ressaltou que é preciso fortalecer a união entre as entidades que compõem o movimento sindical para avançar com as bandeiras de luta que são comuns, e defendeu o custeio do sistema sindical que, atualmente, vem sofrendo com duras ações promovidas pelo Ministério Público (MP). "É preciso que nós, sindicalistas, façamos alguma coisa e com máxima urgência, pois o que o MP vem fazendo pode ser caracterizado como práticas an-



"É preciso fortalecer a união entre as entidades que compõem o movimento sindical para avançar com as bandeiras de luta que são comuns"

Ricardo Patah

tissindicais que buscam enfraquecer a organização da classe trabalhadora e fazer com que o Estado controle as ações sindicais, o que tira das categorias profissionais a responsabilidade pela gestão de seus sindicatos", explica o dirigente.

O evento, focado no mundo do trabalho e que faz parte das atividades promovidas pelo Fórum Social Temático, reuniu representantes das centrais sindicais, federações e confederações brasileiras, além de sindicalistas de mais 30 países que promoveram um intercâmbio que foi fundamental para a troca de ideias e o fortalecimento da luta trabalhista. "Somente com o apoio das organizações internacionais, meu povo deixará de ser perseguido", afirmou Jamal Juma, representante palestino que explicou que 45 trabalhadores haviam morrido no período de um mês por conta das negociações entre capital-trabalho.

Edson Ramos, secretário-geral do Sindicato dos Comerciantes de São Paulo e membro da executiva da UGT, coordenou uma das mesas

"Perspectivas do Sindicalismo no Século XXI e Custeio do Sistema", que contou com a presença de Marcela Gonzalez Ricart, de Assunção, Paraguai, falou um pouco de como está sendo conduzida a luta dos trabalhadores uruguaios e como os sindicatos estão fazendo para se mobilizar atualmente.

Durante o debate, a egípcia Heba Khalil denunciou que a legislação de seu país não permite que sejam criadas entidades sindicais, apesar da OIT (Organização Internacional do Trabalho) reconhecer que cerca de 1,8 mil associações foram criadas após a revolução árabe.

Shady Elnoshokaty, também do Egito, relatou que, no Cairo, 40 milhões de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza e que, após três anos da revolução, não há garantias individuais e as pessoas continuam

sendo mortas durante os protestos. Além disso, a democracia egípcia está se tornando cada vez mais uma ideia ilusória.

O representante da Venezuela, José Elias Torres, ressaltou a ausência de assuntos ligados à classe trabalhadora em grandes veículos de comunicação, mas, em contrapartida, a população é bombardeada por denúncias e ataques a sindicatos e sindicalistas, o que interessa somente aos empresários que buscam enfraquecer a organização da classe trabalhadora.

Para Sérgio Bassoli, da Itália, é preciso haver unidade entre as centrais sindicais do mundo todo, somente assim será possível enfrentar o neoliberalismo com a globalização da luta trabalhista.

"Todas as atividades do Fórum são essenciais para se discutir a construção de um mundo melhor e mais sustentável. Contudo, para conquistar esse objetivo, é preciso melhorar as condições de trabalho e renda da população. Por isso que o Seminário 'Mundo do Trabalho' é importante", ressalta Edson Ramos.



EDSON RAMOS
é secretário Geral do Sindicato dos Comerciantes de São Paulo



CENTRAIS E MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO NA MESMA MESA

Sindicalistas e membros do CONALIS buscam fórmula de atuação conjunta em benefício dos trabalhadores brasileiros

A União Geral dos Trabalhadores (UGT), por meio da Secretaria de Organização e Políticas Sindicais, realizou, na primeira quinzena de março, o primeiro grande encontro entre as centrais sindicais e o Ministério Público do Trabalho (MPT). Lideranças sindicais e a Coordenadoria Nacional da Liberdade Sindical (CONALIS) passaram o dia debatendo questões como custeio sindical, transparência contábil, democracia e representatividade sindical.

Ao abrir os trabalhos, o presidente nacional da UGT, Ricardo Patah, frisou que a relação entre o movimento sindical e o Ministério Público do

Trabalho (MPT) sempre foi muito boa, mas que este encontro se faz necessário pela importância de estreitamento de diálogo entre as instituições que atuam, em frentes diferentes, pela defesa do trabalhador.

O vice-presidente nacional da UGT, deputado Roberto de Lucena, disse, na oportunidade, que a UGT sempre foi sensível às mudanças e ao movimento que a sociedade vive.

Também presente na reunião, o vice-presidente nacional da UGT, deputado Roberto Santiago, defendeu a importância de se montar uma estratégia junto ao MPT, a partir de debates como este, que defenda o trabalhador para que não sejam desmontados sindicatos de luta, que

combatem o mau empresário, que fiscalizam, que vão para as ruas, que orientam e organizam o trabalhador.

O procurador-geral do Ministério Público do Trabalho, Dr. Luís Antônio Camargo de Melo, reforçou que a abertura de diálogo resultará em melhorias para toda a sociedade e que esta construção é responsabilidade de todos. Ressaltando que a defesa do trabalhador deve, primeiramente, ser realizada pelas entidades sindicais.

O coordenador nacional do CONALIS, Dr. Francisco Gerson Marques, defende a organização das entidades sindicais. "Sem um sindicalismo forte, a gente não pode falar em legislação do trabalho."

De acordo com o secretário de Organização e Políticas Sindicais, Chiquinho Pereira, a realização deste evento é resultado da última imersão da UGT, onde os dirigentes concluíram que, com a gravidade dos problemas que têm ocorrido entre sindicatos e o MPT, se fazia necessária e urgente uma discussão ampla e democrática.

Chiquinho disse que estes problemas têm trazido muitos prejuízos aos sindicatos e que a maior vítima é sempre o trabalhador. Por esta razão, a UGT decidiu convidar, também, os representantes das outras centrais, já que todos enfrentam as mesmas dificuldades, para que, junto ao MPT, se estabeleçam alguns entendimentos per-

mitindo que as entidades sindicais cumpram seu verdadeiro papel sem ter que se preocupar com a "perseguição" do MPT.

"Se nós pegarmos um sindicato, como o Sindicato dos Comerciantes de São Paulo, que tem uma história, que tem trabalho, que tem uma luta, e de repente se vê pressionado pelo MPT e ninguém sabe o que pode acontecer, é de uma responsabilidade muito grande. Ou um sindicato como o dos Metalúrgicos de São Paulo, uma categoria que tem história no movimento sindical brasileiro, como é que pode ser? Talvez não seja bem esta palavra, mas como é que pode ser 'enquadrado' pelo MPT? Como é que pode correr o risco de, daqui pa-

ra amanhã, não ter o sindicato, acabar um sindicato? Tem alguma coisa errada, aliás, tem muita coisa errada!", provocou Chiquinho.

Ao final da reunião, ficou uma "lição de casa". As centrais devem se reunir, sozinhas, para debater algumas questões e procurar a formatação de uma proposta sobre, por exemplo, a democracia nas eleições e a contribuição assistencial. Posteriormente, os dirigentes sindicais se encontrarão, novamente, com os membros do MPT para apresentar as decisões consensuais das centrais e, assim, todos juntos, traçar um caminho que interrompa os conflitos e favoreça os milhões de trabalhadores e trabalhadoras de todo o Brasil.



*Esquerda:
Governador Geraldo Alckmin sanciona terceiro piso salarial do Estado na sede da UGT nacional.*

*Direita:
Edison Laércio, presidente do Sinsaúde, homenageia o governador por suas ações em prol da classe trabalhadora*



NENHUM PROFISSIONAL PAULISTA PODE GANHAR MENOS QUE R\$ 810

Ação da UGT juntamente com o Sindicato e a Federação da Saúde pela sanção da Lei 15.250/13, que restabeleceu a terceira faixa do piso regional paulista, beneficiou diversas categorias profissionais no Estado

Muitas vezes, a luta pela melhoria das condições de trabalho dos brasileiros e brasileiras ultrapassa as barreiras que se limitam a uma categoria específica. Foi o que provou a ação conjunta entre a União Geral dos Trabalhadores (UGT), o Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde de Campinas e Região (Sinsaúde) e a Federação dos Trabalhadores da Saúde do Estado de São Paulo pela sanção do terceiro piso salarial paulista, que teve, em 24 de

março, a aprovação do governador Geraldo Alckmin.

O salário mínimo no Estado hoje segue três valores: R\$ 810,00, para a primeira faixa; R\$820,00, no segundo índice; e R\$835,00, que foi regulamentado para profissionais de diversas áreas de atuação. Essa terceira faixa do benefício havia sido suprida na regulamentação do piso regional, que é superior ao valor praticado pelo salário mínimo nacional, o que prejudicava sensivelmente milhares de trabalhadores paulistas, principalmente da área da saúde. “Temos, no Estado, 600 mil trabalhadores da saúde

de na iniciativa privada e filantrópica. Não que os trabalhadores recebam apenas o piso estadual, mas a saída desse piso faria com que a classe patronal descesse o patamar dos salários para o salário mínimo nacional, fazendo endurecer nossas negociações”, explicou Edison Laércio de Oliveira, presidente do Sinsaúde e da Federação.

O restabelecimento da terceira faixa não só beneficiou trabalhadores e trabalhadoras da saúde, mas também profissionais de diversas outras áreas que tinham este piso como base salarial para suas profis-



sões. “Esta é uma lei que beneficia todos os trabalhadores do Estado de São Paulo, mas, quando ela foi acordada entre as centrais sindicais, foi percebido pelo companheiro Edison que o terceiro piso não estava con-

templado. Imediatamente, informamos o governador, que encaminhou proposta para a Assembleia e conseguiu restabelecer este benefício”, salientou Ricardo Patah, presidente nacional da UGT.

O líder ugetista salienta que a ação que restabeleceu o terceiro piso salarial paulista influencia, diretamente, a economia do Estado, pois aumenta o poder financeiro e de compra da população.

UGT REALIZA PLENÁRIA NO PARANÁ E FIRMA PARCERIA COM LINHAS DE CRÉDITO PARA A CLASSE TRABALHADORA

A Plenária Estadual da UGT-PARANÁ foi realizada nos dias 4 e 5 de dezembro, em Guaratuba (PR). O encontro ocorreu no Centro de Eventos da Federação dos Empregados no Comércio do Estado do Paraná (FECEP) e reuniu mais de 400 dirigentes sindicais e lideranças comunitárias de praticamente todas as cidades paranaenses.

Durante o evento, as filiações de novos sindicatos à Central foram recebidas com entusiasmo pelos sindicalistas, entre eles o Sindicato dos Empregados nas Empresas de Asseio e Conservação (SIEMACO) e dos Policiais Federais do Paraná. “Essas novas filiações são reflexo do trabalho da UGT-Paraná e da UGT-Nacional, liderada pelo nosso companheiro Ricardo Patah, pois esta é uma Central comprometida com a prática de um sindicalismo cidadão, ético e inovador”, disse o presidente da Central no Estado, Paulo Rossi.

Essa foi a última plenária da UGT-Paraná em 2013 e apresentou temas relevantes ao mundo do trabalho, com destaque para: “O papel dos dirigentes sindicais no processo eleitoral 2014”; “A ética sindical”; “Os Objetivos do Milênio, traçados pela ONU (Organização das Nações Unidas)”; “A organização e planejamento estratégico da UGT-Paraná para 2014”.

Além disso, a UGT-Paraná firmou um termo de cooperação técnica com a Cohapar (Companhia de Habitação do Paraná), visando a elaboração de projetos de moradia para os trabalhadores das entidades filiadas e a divulgação de linhas de crédito para os pequenos empreendedores, disponibilizadas pela Fomento Paraná.

Para Solomar Rockembach, membro da executiva nacional da UGT, a parceria com a Fomento Paraná é um estímulo para os trabalhadores que aderem muitas vezes aos PDV's (programas de demissão voluntária) das empresas e pode ser uma porta de entrada para um pequeno negócio.



A UGT-PARANÁ UNIDA EM SUA PLENÁRIA ESTADUAL 2014

PROCESSO ELEITORAL 2014

O secretário Nacional de Organização e Políticas Sindicais da UGT, Francisco Pereira de Souza Filho, o “Chiquinho”, abordou as ações da UGT para o sistema de custeio das entidades sindicais e o papel dos dirigentes sindicais no processo eleitoral 2014. “Temos que ficar atentos às manobras de setores empresariais, políticos e mesmo de outras entidades sindicais, empenhadas na desestruturação da organização sindical brasileira”, destacou Chiquinho. Ele lembrou que o Ministério Público que de um lado vem “policiando” drasticamente as ações sindicais laborais, de outro lado “faz vistas grossas” ao destino dos recursos repassados ao Sistema S, formado por 11 entidades, na maior parte de direito privado, entre eles o SESC, SENAI, SESI, SENAT, SENAR, SESCOOP e SEBRAE. “Esses recursos que são oriundos da contribuição da classe trabalhadora acabam sendo destinados a essas entidades que pouco fazem pela qualificação dos trabalhadores”, disse Chiquinho Pereira.



Mais de 400 lideranças sindicais do Estado participaram da plenária que aprovou o planejamento estratégico da UGT-PARANÁ para 2014

FESMEPAR realiza encontro dos servidores públicos



Da esquerda para direita: presidente da Regional Norte da UGT-PARANÁ, Marcelo Urbaneja, o representante da UGT nacional, Wagner José de Souza, o presidente da FesmePAR, Luiz Carlos Silva de Oliveira, o presidente da UGT-PARANÁ, Paulo Rossi e a tesoureira da FesmePAR, Sônia Marchi

A Federação dos Sindicatos de Servidores Públicos Municipais e Estaduais do Estado do Paraná (FesmePAR) realizou, em dezembro, na Colônia de Férias dos Comerciantes, em Guaratuba (PR), o seu encontro estadual que reuniu mais de 100 dirigentes dos diversos sindicatos de servidores públicos filiados à entidade, que é filiada à União Geral dos Trabalhadores (UGT).

Ao abrir os trabalhos, Luiz Carlos Silva de Oliveira, presidente da FesmePAR, fez um balanço das ações desenvolvidas pela Federação e agradeceu o apoio que vem recebendo da UGT, tanto da Nacional quanto no Paraná, para que os servidores públicos se preparem para os embates do dia a dia. “Os cursos de qualificação e atualização dos dirigentes dos servidores públicos, que são realizados pela FesmePAR em parceria com a secretaria nacional de Organização e Políticas Sindicais da UGT, ministrados pelo professor Erledes Silveira, têm sido um referencial e um diferencial para os nossos dirigentes. E quem ganha com isso são os milhares de servidores públicos em nosso estado”, destacou Luiz.

FEDERAÇÃO DE PESCADORES DO MARANHÃO CONQUISTA CARTA SINDICAL APÓS 81 ANOS



Com o reconhecimento formal da organização da classe trabalhadora, a luta dos pescadores no Estado entra num novo estágio, vira uma página de sua história e se fortalece para ampliar as ações que visam melhorar as condições de trabalho da categoria

A cerimônia de entrega da carta sindical aconteceu durante a realização da 1ª Conferência de Pescadores e Trabalhadores do Estado do Maranhão, evento promovido pela União Geral dos Trabalhadores (UGT), juntamente com a Federação das Colônias de Pescadores do Maranhão (Fecopema) e a Federação dos Empreendedores do Brasil (Fena), e que reuniu, em 21 de fevereiro, na Assembleia Legislativa do

Estado, lideranças de pescadores, trabalhadores, pequenos empreendedores e políticos locais.

Com o objetivo de consolidar a união dos profissionais da pesca e ampliar o diálogo entre as colônias de pescadores maranhenses para o fortalecimento da luta por melhores condições de trabalho, a Conferência, que contou com a presença de Manuel Dias, ministro do Trabalho e Emprego (MTE), foi o momento perfeito para a entrega do documento que reconhece, aos olhos do po-

der público, a Federação como entidade que representa esta que é uma das mais importantes atividades profissionais do Maranhão. “A carta sindical é um merecimento da categoria, que há muitos anos vem lutando para ter o direito de obtê-la”, frisou o ministro.

A partir de agora, todos os direitos da entidade estarão assegurados e será possível recolher a contribuição sindical, em convênio com a Caixa Econômica Federal, o que representa o financiamento da entidade pela



Ministro Manoel Dias entrega carta sindical à Federação dos Pescadores do Maranhão

própria categoria. Isso dá autonomia e independência para a instituição que poderá também celebrar acordos, contratos e convênios com o poder público e a iniciativa privada.

Para Lourival Mendes (PT do B-MA), deputado Federal e vice-presidente nacional da UGT, é um orgulho representar os pescadores do Brasil no Congresso Nacional e a conquista do reconhecimento formal da Federação representa um novo período para a luta no setor.

Francisco Pereira (Chiquinho), secretário de Organização e Política Sindical da UGT, esteve presente e ressaltou que a atuação da Central na organização dos pescadores e de todas as categorias profissionais do Brasil é fundamental para potencializar ações que visem implementar políticas públicas voltadas para o fortalecimento do mercado de trabalho, por meio da valorização da classe trabalhadora.

Segundo Sebastião Téo, secretário Geral da UGT-DF, esta nova fase na história dos pescadores é um marco para a luta da categoria, uma vez

que, com a carta sindical, a entidade conquista o respeito de todas as autoridades constituídas do País.

Principal militante ugetista na Assembleia Legislativa, o deputado estadual Edson Araújo (PSL-MA) enfatizou que o setor pesqueiro não se limita somente à população nele empregada, mas é um conjunto de profissionais em que se reúnem as marisqueiras, catadoras, empresas, entidades associativas e comerciais, ambientalistas, setor científico, entre outros. “O setor pesqueiro é estratégico para o Estado do Maranhão, por isso é necessário que as entidades representativas de trabalhadores e atividades econômicas percebam que é preciso se juntar para defender as garantias de todos.”

Com o reconhecimento legal, a Federação das Colônias de Pescadores do Estado do Maranhão se torna a maior entidade de trabalhadores da pesca no Brasil, representando, aproximadamente, 300 mil pessoas, segundo dados apresentados pelo deputado Edson Araújo.

Outro ponto importante da Con-

ferência foi a assinatura de protocolo de intenção com os programas PRONATEC Trabalhador e PRONATEC Jovem, para promover qualificação profissional em 15 municípios do Maranhão. Além disso, foram ratificados os termos de cooperação técnica do MPA e FECOPEMA e também o anúncio da entrega de uma fábrica de gelo para a prefeitura de São Bernardo atender aos pescadores de toda região do Baixo Parnaíba.

Weber Henrique, presidente da UGT-MA, agradeceu o esforço de todos os atores que se empenharam na luta pela conquista da carta sindical da Federação e destacou que, por conta das ações que a UGT promove em prol de todas as categorias profissionais do Brasil, a Central é a que mais cresce no País. “Agradeço, primeiramente, a Deus por essa conquista e aos deputados federais Lourival Mendes e Roberto de Lucena, a vereadora Luciana Mendes e o pastor Sebastião Téo pelo extraordinário trabalho realizado em benefício dos pescadores do Maranhão e do Nordeste.”

50 ANOS DO FATÍDICO GOLPE MILITAR DE 64

O Brasil não tem o que comemorar, mas precisa homenagear seus mortos e, acima de tudo, lutar para que este capítulo de sua história não caia no esquecimento

"A data é apenas uma alegoria, uma lembrança viva do que houve. O mais importante é que as pessoas saibam que aconteceu um golpe de estado, em 64, que interrompeu um processo democrático brasileiro", observa Domingos Fernandes, consultor político e de projetos da presidência da União Geral dos Trabalhadores (UGT).

Em 2014, completa 50 anos do dia em que o golpe militar cerceou do povo brasileiro a democracia que havia sido instituída no País com a Constituição de 1946. A partir daquele fatídico 31 de março de 1964, quando os tanques de guerra disputaram espaço com carros comuns, soldados armados com fuzis e metralhadoras tomavam as ruas das cidades brasileiras, o País mergulhou num dos períodos ditatoriais mais sombrios de sua história.

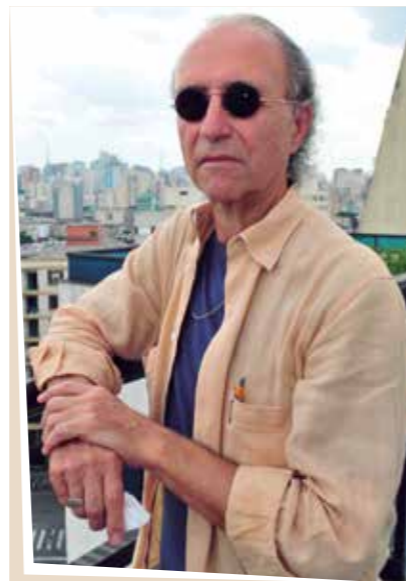
A data é histórica, uma vez que o golpe, além de destituir o governo de João Goulart (1961-1964), contou com o apoio norte-americano, de parte da sociedade civil e da grande imprensa, que serviu como aparelho ideológico do militarismo.



"A democracia é essencial assim como o oxigênio"
ENILSON SIMÕES DE MOURA

Segundo Enilson Simões de Moura, o Alemão, presidente do Sindicato dos Empregados em Centrais de Abastecimento de Alimentos do Estado de São Paulo (Sindbast), o problema das ditaduras, de qualquer natureza, é o embrutecimento intelectual e espiritual de qualquer sociedade. "O fato de não haver debate de ideias ou uma imprensa livre, somados à intolerância de um governo autoritarista, causa efeitos que só as futuras gerações podem superar", explica o dirigente.

Nos primeiros dias após o golpe, a violenta repressão ficou evidenciada nos setores da sociedade que já tinham certo grau de mobilização e articulação política, principalmente as organizações de esquerda como:



DOMINGOS FERNANDES

o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), a União Nacional dos Estudantes (UNE), sindicatos ou entidades de organização da classe trabalhadora, as Ligas Camponesas, entre outras instituições que tiveram suas lideranças ou militantes presos arbitrariamente. "Fui preso, torturado, banido do País, fiquei 10 anos fora e voltei, mas acho que o fundamental de toda essa história é que, hoje, o País vive o berço da democracia", comenta Domingos.

Ao longo do mês de abril, centenas de inquéritos foram abertos para investigar atividades consideradas sub-

versivas. Muitas pessoas tiveram seus direitos sociais e políticos restringidos, parlamentares tiveram seus mandatos cassados, funcionários públicos civis ou militares foram aposentados ou demitidos, entre outras ações deliberadas pelo regime militar. "Até hoje ainda vivemos com as sequelas do regime militar. Por exemplo, essa geração que faz política atualmente no País e tem o autoritarismo como instrumento de exercício de poder ainda é uma geração fruto da obscuridade intelectual que tivemos a partir do golpe de 64", diz Alemão.

O regime durou 21 anos, quase

todos os direitos civis, gradativamente, foram retirados da sociedade por meio de Atos Institucionais (AI), que eram mecanismos para legalizar ações políticas militares que não possuíam fundamentações jurídicas, mas que lhes dava poderes extra-constitucionais.

"Acredito que cada brasileiro deva ter na sua cabeça um pequeno museu da ditadura, ou seja, essas lembranças não podem ser esquecidas como uma coisa escrita, tipo um livro, que pode ser lido e esquecido num canto qualquer. Isso tem que ser sempre lembrado", conclui Domingos.

O período militar não cairá no esquecimento

Para que as lembranças daqueles tempos tão sombrios da recente história brasileira não se percam nas páginas dos livros que ficaram esquecidos em prateleiras de bibliotecas espalhadas pelo País, diversos foram os trabalhos produzidos ao longo dos anos para retratar o período da ditadura no Brasil.

Da mesma forma que, em 1964, os militares usaram os meios de comunicação de massa como instrumento ideológico do regime, atualmente é por meio dessa ferramenta que é possível não deixar que as histórias dessa época caiam no esquecimento.

Dentre todos os trabalhos já realizados e que



O documentário "O Dia que Durou 21 anos" (2011) é uma produção da TV Brasil com a Pequim Filmes, com direção de Camilo Tavares, filho de uma das vítimas da ditadura

relatam, fielmente, todo o período de luta e enfrentamento ao militarismo, "O Dia que Durou 21 anos", produzido em 2011, pela TV Brasil, ganha destaque por abordar o tema com o foco na participação do governo norte-americano no golpe.

Outra grande produção que também retrata bem os anos de chumbo no Brasil é o "Hércules 56", obra que tem como título a matrícula do avião que transpor-



Hércules 56 é um filme de 2006 dirigido por Silvio Da-Rin e conta a história dos presos políticos que foram trocados pelo embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick

tou os presos políticos que foram trocados pelo embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, que havia sido sequestrado.

Estas produções podem ser facilmente encontradas na internet, assim como na rede é possível ter acesso a uma infinidade de trabalhos audiovisuais, fotos, artigos, jornais, revistas, entre outros documentos relacionados ao regime militar.

O PAPEL DA IMPRENSA

Usada como veículo ideológico para que o regime militar pudesse tomar o poder no Brasil, a grande imprensa foi fundamental em todo o processo, desde o golpe que derubou o governo João Goulart, em 1964, até a redemocratização do País, em 1985.

Veja algumas manchetes que foram publicadas no ano de 64 por jornais que apoiaram o golpe:

De Norte a Sul vivas ao golpe

"Desde ontem se instalou no País a verdadeira legalidade [...] Legalidade que o caudilho não quis preservar, violando-a no que de mais fundamental ela tem: a disciplina e a hierarquia militares. A legalidade está conosco e não com o caudilho aliado dos comunistas."

Editorial do Jornal do Brasil - Rio de Janeiro - 1º de abril de 1964

Os bravos militares

"Salvos da comunização que celereamente se preparava, os brasileiros devem agradecer aos bravos militares que os protegeram de seus inimigos [...] Este não foi um movimento partidário. Dele participaram todos os setores conscientes da vida política

brasileira, pois a ninguém escapava o significado das manobras presidenciais."

O Globo - Rio de Janeiro - 2 de abril de 1964

Escorraçado

"Escorraçado, amordaçado e acovardado, deixou o poder como imperativo de legítima vontade popular o senhor João Belchior Marques Goulart, infame líder dos comuno-carreiristas-negocistas-sindicalistas. Um dos maiores gatunos que a história brasileira já registrou, o senhor João Goulart passa outra vez à história, agora também como um dos grandes covardes que ela já conheceu."

Tribuna da Imprensa - Rio de Janeiro - 2 de abril de 1964

A paz alcançada

"A vitória da causa democrática abre o País a perspectiva de trabalhar em paz e de vencer as graves dificuldades atuais. Não se pode, evidentemente, aceitar que essa perspectiva seja toldada, que os ânimos sejam postos a fogo. Assim o querem as Forças Armadas, assim o quer o povo brasileiro e assim deverá ser, pelo bem do Brasil."

Editorial de O Povo - Fortaleza - 3 de abril de 1964

"Vibrante manifestação sem precedentes na história de Santa Maria para homenagear as Forças Armadas. Cerca de 50 pessoas na Marcha Cívica do Agradecimento."

A Razão - Santa Maria - Rio Grande do Sul - 17 de abril de 1964

"O Brasil já sofreu demasiado com o governo atual. Agora, basta!"

Correio da Manhã - São Paulo - 31 de março de 1964

São Paulo repete 32

"Minas desta vez está conosco [...] dentro de poucas horas, essas forças não serão mais do que uma parcela mínima da incontável legião de brasileiros que anseiam por demonstrar definitivamente ao caudilho que a nação jamais se vergará às suas imposições."

O Estado de S.Paulo - São Paulo - 1º de abril de 1964

"Feliz a nação que pode contar com corporações militares de tão altos índices cívicos. Os militares não deverão ensarilhar suas armas antes que emudeçam as vozes da corrupção e da traição à pátria."

O Estado de Minas - Minas Gerais - 5 de abril de 1964

UGT E CENTRAIS SINDICAIS PROMOVEM ATO EM REPÚDIO AOS 50 ANOS DO GOLPE MILITAR

A luta da classe trabalhadora no combate ao regime militar brasileiro tem, em São Bernardo do Campo, em São Paulo, um de seus principais símbolos da resistência. Por esse motivo a cidade foi escolhida para a realização, no dia 1º de fevereiro, do ato “Unidos, Jamais Vencidos”, que aconteceu no Teatro Cacilda Becker e foi promovido pelas centrais sindicais.

A União Geral dos Trabalhadores (UGT) e as centrais CGTB, CSB, CSP Conlutas, CTB, CUT, Força Sindical, Intersindical e Nova Central marcaram o início dos atos em repúdio aos 50 anos do golpe de 1964 com uma ação que teve como objetivo homenagear as pessoas que sofreram perseguição no período da ditadura.

“Não temos o que comemorar nesses 50 anos do golpe de 64, mas precisamos promover diversas ações para não deixar que este fato caia no esquecimento e que algo, como o que mergulhou o País nos anos mais cruéis e sangrentos de sua história, nunca mais

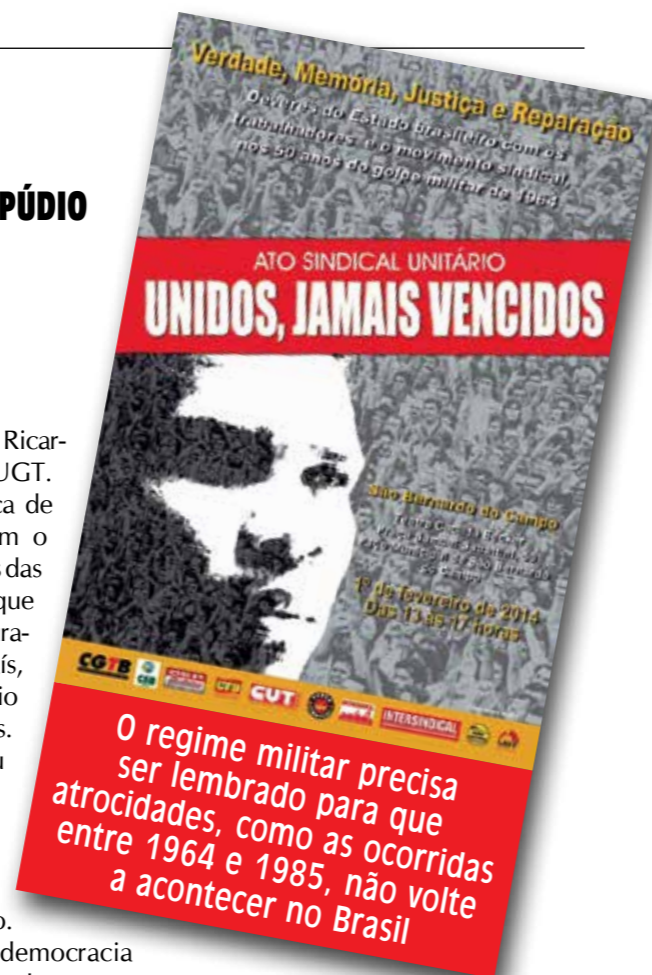
volte a acontecer”, relata Ricardo Patah, presidente da UGT.

O evento reuniu cerca de 500 pessoas que lotaram o auditório. Eram militantes das décadas de 60, 70 e 80 que foram perseguidos, torturados e expulsos de seu país, tendo de viver no exílio para não serem mortos. Contudo, o ato lembrou também que milhares de pessoas não tiveram o mesmo destino e foram brutalmente assassinadas pelas ações do Estado.

Segundo Patah, a democracia venceu a opressão da ditadura, contudo o País está longe de ser um oásis para a sociedade, principalmente por conta das heranças do militarismo que continuam presentes no nosso dia-a-dia, como, por exemplo, a prática da tortura que, infelizmente, ainda acontece no País. “Não podemos aceitar com naturalidade que esse crime continue sendo praticado, afinal de contas, quantos

Amarildos serão precisos até que consigamos erradicar este mal da nossa sociedade”, conclui o dirigente.

A UGT e as demais centrais sindicais integram o Coletivo Sindical do Grupo de Trabalho “Ditadura e Repressão aos Trabalhadores do Movimento Sindical”, que faz parte da Comissão Nacional da Verdade.



O regime militar precisa ser lembrado para que atrocidades, como as ocorridas entre 1964 e 1985, não volte a acontecer no Brasil

HOMENAGEM A JANGO

Deposto da presidência da República em 31 de março de 1964, João Goulart (Jango) foi um dos homenageados do evento. Representado por seu filho, João Vicente Goulart, Jango foi muito lembrado e ovacionado pelas pessoas que, assim como o próprio presidente, lutaram por um Brasil livre e democrático.

João ressaltou que já se passaram 50 anos do golpe e o País não avançou o suficiente com a sua democracia, assim como ainda não promoveu as reformas que, supostamente, foram responsáveis pela saída

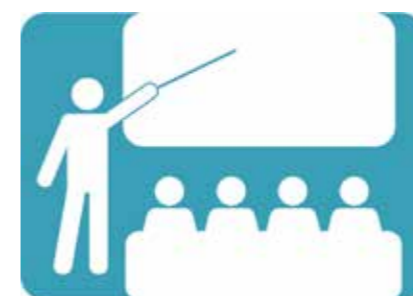
de Jango do poder. “O Brasil precisa avançar pelo sangue dos que morreram. Precisamos exumar as reformas de base e pagar a enorme dívida que o Estado tem para com o povo.”

Goulart ressaltou também que o Brasil precisa de justiça social, pois o País não promoveu reformas como da educação, tributárias, urbanas, bancárias, rurais, entre outras ações que são fundamentais para a população.

JOÃO VICENTE GOULART
é filho do presidente Jango, deposto no golpe de 64



QUALIFICAÇÃO: desafio que precisa ser enfrentado!



A UGT celebra a união com a Federação dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo – Fecomercários. Com a Federação, mais de 60 sindicatos de comerciários de diversas cidades do Estado se juntaram ao movimento ugetista. Mas precisamos aproveitar esse momento para colocar um assunto importante em discussão: a qualificação dos trabalhadores, a forma como nos preparamos para os desafios do futuro.

A economia do nosso País tem patinado, muito por conta de uma política sem pulso do Governo Federal. Em 2013, nosso Produto Interno Bruto (PIB) cresceu míseros 2,3%, abaixo da previsão do Ministério da Fazenda. Continuamos atrás dos Brics (sigla referente a Brasil, Rússia, Índia, China, que se destacam no cenário mundial como países em desenvolvimento) que registram taxas bem mais elevadas (a China, no mesmo período, cresceu 7,7%).

O desemprego chegou a 4,3% em dezembro, a menor taxa registrada

pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (em janeiro, porém, o índice subiu para 4,8%). Mas isso não quer dizer que o mercado está contratando, pelo contrário: as vagas diminuíram. O número de pessoas em idade para trabalhar cresceu, segundo o mesmo IBGE, 1,5%. Mas estas pessoas entram cada vez mais tarde no mercado. Tanto é que a População Economicamente Ativa caiu 1% entre dezembro de 2012 e o mesmo mês de 2013. Daí o motivo da “queda”.

Esses dados mostram que precisamos nos preparar para os desafios que virão nos próximos anos. A tecnologia tem avançado, mas a qualificação não é o foco de preocupação. As vagas criadas são, na maioria, de baixa remuneração. O que acontecerá com essas pessoas no futuro, com o crescimento tecnológico?

Em artigo veiculado no Estado de S. Paulo, Jose Pastore traz um dado alarmante: dentro de dez anos, a maior parte dos humanos trabalhará com técnicas que ainda não foram inventadas. Tudo por conta das enormes implicações que serão geradas para o trabalho humano por conta das tecnologias que exigem habilidades inexistentes.

Ter uma educação básica de qualidade é a solução para o futuro, temos que nos preo-

cupar com isso seriamente. Investir em qualificação não se resume a uma luta do Sindicato dos Professores; não é motivo para criticar ou apoiar os governos “A” ou “B”. É um desafio nacional que pode – e deve – ser encabeçado pela UGT, por meio de fóruns para o aprofundamento da discussão.

O País precisa crescer de verdade, estamos estagnados! Mas o trabalhador deve estar preparado para a hora do crescimento. Precisamos de empregos de qualidade e, com conhecimento, combater os baixos salários, estimular a qualificação e fomentar a economia.

Esse é o caminho e, unidos, conseguiremos vencer essa batalha!



DAVI ZAIA
é presidente da Federação dos Bancários de São Paulo e Mato Grosso do Sul (Febb SP-MS) e Deputado Estadual (PPS/SP)



A MAIORIA DOS APOSENTADOS PRECISA CONTINUAR TRABALHANDO PARA COMPLEMENTAR SUA RENDA E TER O MÍNIMO DE CONDIÇÕES PARA SOBREVIVER

SINDIAPI adverte: aposentadoria no Brasil FAZ MAL À SAÚDE

mas encontrados no Brasil, um dos mais graves é a forma com que aposentados e aposentadas são tratados em todas as esferas governamentais. “A forma com que nós somos tratados é uma vergonha. É humilhante ser aposentado no Brasil”, relata Natal Leo, presidente do Sindicato Nacional dos Aposentados, Pensionistas e Idosos da União Geral dos Trabalhadores (SINDIAPI-UGT).

Esse descaso pode ser medido pelo número de pessoas que, sem conseguir viver apenas com os benefícios que recebem do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), pedem a chamada desaposentadoria ou, simplesmente, precisam continuar a trabalhar para complementar sua renda e ter o mínimo de condições para sobreviver.

“Aposentado não tem vida digna, pois leis arbitrárias desafiam constantemente os aposentados e aposentadas. É um constrangimento moral, uma vergonha exposta que mais parece uma ferida que não cicatriza”, diz o presidente do SINDIAPI.

Natal Leo enfatiza que aposentados e pensionistas que recebem mais que um salário mínimo, nos últimos anos, vêm perdendo seu poder de compras e caindo, vertiginosamente, seu padrão de vida. “Enquanto o benefício vai decrescendo, o valor dos produtos, serviços, alimentação, saúde e medicamentos só faz aumentar”, explica o dirigente.

Para 2014, novamente houve perda para os aposentados que recebem acima de um salário mínimo. Esse índice chegou a 1,06%, pois o reajuste do salário mínimo foi de 6,78%, mas os aposentados receberam somente a perda da inflação, que, se-

gundo o INPC (Índice Nacional de Preço ao Consumidor), foi de 5,72%. “Isso é um descaramento governamental que pretende, a longo prazo, equiparar todas as aposentadorias ao salário mínimo nacional, contudo precisamos saber se eles estão dispostos a nivelar também a arrecadação”, descreve Natal Leo.

A LUTA POR UMA APOSENTADORIA DIGNA

Criado para defender direitos e buscar melhorias para aposentados e pensionistas, o SINDIAPI tem como meta ampliar suas ações em prol de bandeiras de luta que irão proporcionar qualidade de vida e recuperar a dignidade perdida pela categoria ao longo dos anos.

Entre as reivindicações estão o reajuste e recuperação do poder de compra perdido pelos aposentados e pensionistas; a recomposição dos benefícios afe-



NATAL LEO
é presidente do SINDIAPI

tados pelo famigerado fator previdenciário; lutar pela criação da Secretaria dos Aposentados, Pensionistas e Idosos na estrutura do Governo Federal; criação do índice nacional de preços para a terceira idade, destinado a medir a inflação para famílias compostas por idosos; acelerar o andamento da política de desaposentadoria; conceder isenção de imposto de renda para os aposentados e pensionistas; ampliar a lista de remédios distribuídos gratuitamente para uso contínuo; regulamentar e atualizar o Estatuto do Idoso.

APOSENTADORIA DECENTE

O SINDIAPI vem buscando o apoio de entidades como ONU (Organização das Nações Unidas) e OIT (Organização Internacional do Trabalho) para a criação de um projeto intitulado “Aposentadoria Decente”.

O programa busca desenvolver um conjunto de ações nos moldes do projeto já desenvolvido pela OIT referente ao “Trabalho Decente” que, em conjunto com entidades sindicais e movimentos sociais em diversos países, visa assegurar condições dignas de trabalho como forma de superação da pobreza, a redução das desigualdades sociais, a garantia da governabilidade democrática e o desenvolvimento sustentável.

Assim, ao estabelecer normas e metas para se alcançar uma Aposentadoria Decente, não só o Brasil, mas também outras nações estarão zelando e contribuindo para o avanço na melhoria da qualidade de vida de milhares de pessoas que já não estão mais na ativa, mas que, por terem contribuído para previdência por tantos anos, minimamente merecem desfrutar de uma vida aprazível ao lado de seus familiares e amigos.

INTERCÂMBIO BRASIL E ARGENTINA



Com as mesmas bandeiras de luta, delegação brasileira busca fortalecer ações com entidade argentina

AFederação Nacional dos Trabalhadores em Serviços, Asseio e Conservação, Limpeza Urbana, Ambiental e Áreas Verdes (FENASCON), entidade filiada à União Geral dos Trabalhadores (UGT), promoveu, em parceria com o Sindicato de Obreiros de Maestranza (SOM), da Argentina, o 1º Encontro de Intercâmbio e Assinatura de Cooperação, que visou ampliar a atuação política sindical para o desenvolvimento de ações relacionadas a asseio, conservação e limpeza.

O evento, que aconteceu entre os dias 19 e 24 de outubro, em Buenos Aires, foi uma oportunidade fundamental para se debater o assunto e trocar experiências para fortalecer as ações que estão sendo desenvolvidas para a melhoria laboral da categoria, além de discutir a possibilidade de desenvolver ações globais que garantam e ampliem o direito dos trabalhadores e trabalhadoras da área.

“É incrível como o mundo sofre com os mesmos problemas”, argumentou Ariel Alejandro Vitagliano, delegado de base da província de Buenos Aires, La Plata, que completou: “Os companheiros brasileiros da limpeza

lutam pelos mesmos direitos que os argentinos”.

Segundo José Moacyr Malvino Pereira, presidente da FENASCON, é de fundamental importância a realização de eventos que promovam essa troca de experiências. Somente assim, por meio de uma ação unificada e livre de fronteiras, a luta pela melhoria nas condições de trabalho da categoria estará cada vez mais fortalecida. “Este foi apenas o primeiro encontro de muitos, pois somente por meio da construção de regras e técnicas comuns poderemos continuar avançando em busca dos nossos objetivos”.

Integraram a delegação brasileira que participou da primeira fase dos trabalhos para a formação do Convênio de Cooperação FENASCON-SOM os sindicalistas: Amélia Rodrigues (Federação do Paraná - FEACONSPAR), Azenira Lazarotto (Federação do Rio Grande do Sul - FEEAC-), Renata de Cássia de Aguiar Souza (Siemaco Piracicaba), Zilda Pereira Freire Oliveira (Siemaco ABC), Gabriel Veiga Pussente (SINTHAC- Minas Gerais), Gilberto Cesar de Alencar (Sindicato Município do Rio de Janeiro - SEEA-CMRJ), Luís Cláudio Vieira Araújo (FETHEMG – Minas Gerais) e João Capana (SIEMACO-SP).



Este é um ano para torcer e comemorar. PELO MENOS É O QUE TODOS QUEREM

Este é um ano peculiar. Tivemos samba em março, em junho teremos goleadas e urna em outubro. A cada evento, o brasileiro vai vibrar de emoção. Não há neste rincão tupiniquim quem não tenha uma escola de samba do coração. Mesmo que ela mude a cada nova estação, a torcida é grande e a expectativa deixa a respiração mais rápida. Se ela sai vencedora, sai de perto que o samba vai rolar solto.

Mas é o futebol que garante o título de paixão nacional, principalmente porque a Copa do Mundo será aqui, no Brasil. Teremos um mês – junho – de grande efervescência. A realização da segunda Copa no País terá partidas disputadas em 12 cidades: Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e

São Paulo. Entretanto, diversos outros municípios estão envolvidos no torneio, seja cedendo espaço para treinos e preparo de outras seleções ou prestando serviços necessários à realização do evento.

A torcida é para que a Copa movimente a economia com a garantia

de mais emprego, garanta o aumento na produtividade e, claro, na arrecadação. No geral, a expectativa é que o saldo final seja digno de comemoração. Na área econômica, que se comprove que valeu todo o investimento público feito. Do torneio, queremos, é claro, a vitória do



OUTRO JOGO, O MAIS IMPORTANTE DESTE ANO, SERÁ EM OUTUBRO, QUANDO VAMOS ESCOLHER O PRÓXIMO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, NOVOS SENADORES, DEPUTADOS E GOVERNADORES. NESSE, O BRASILEIRO TERÁ QUE GARANTIR A VITÓRIA DOS MELHORES.

Brasil, que poderá, em 2014, ser hexacampeão, mantendo a imagem de país que mais títulos acumulou desde que a Copa do Mundo teve início, em 1928, na França.

Mas este não será o único evento que acontecerá no Brasil este ano. Outro jogo vai ser disputado em outubro e será, sem sombra de dúvidas, o mais importante de todo o ano. Nele, cada brasileiro será um atacante que precisa fazer os seus gols e garantir a vitória dos melhores.

São as eleições majoritárias, nas quais vamos escolher o próximo presidente da República, novos senadores, deputados federais e estaduais e também os governadores de cada Estado.

Queremos o Brasil governado pelo melhor. Queremos São Paulo governado pelo melhor. E para que isto se torne realidade, precisamos estar atentos e estudar. Sim. Estu-

dar o currículo e a vida de cada candidato. Não dá para escolher somente com base no que cada um fala, pois ninguém vai divulgar fatos que não sejam positivos para si. Portanto, assim como a seleção precisa se preparar para a Copa, o eleitor tem que se preparar para o voto, para exercitar o seu papel de cidadão. E, desta maneira, fazer a sua melhor escolha.

Os profissionais da saúde têm ainda mais um motivo para comemorar. Sua entidade de classe, o Sinsaúde Campinas e Região, acaba de completar 75 anos de vida. Uma existência totalmente voltada para a representação e o trabalho pela valorização da categoria, que consideramos a mais importante do mundo, pois é ela que cuida de todas as outras. São os profissionais da saúde, trabalhadores dedicados, que dia e noite zelam pela saúde da população.



EDISON LAÉRCIO DE OLIVEIRA
é presidente do Sindicato da Saúde de Campinas e Região (SIMSAÚDE)

Agenda intensa do Sindicato dos Padeiros faz de 2014 O ANO DA LUTA E DAS CONQUISTAS DA CATEGORIA

Compromisso inclui mobilização para avançar, melhorar a CCT e fazer valer o cumprimento da NR 12

Intensificar a luta para avançar nas conquistas da categoria e na construção de uma sociedade mais justa com melhor distribuição de renda, emprego, saúde, moradia, educação e transporte de qualidade, além de concentrar forças para fazer valer o cumprimento da NR 12 que obriga a troca de maquinário e equipamentos velhos e obsoletos por novos e mais seguros.

Essas foram algumas das resoluções do Seminário Anual de Planejamento e Organização 2014 do Sindicato dos Padeiros de SP, que aconteceu em Caraguatubá entre os dias 30 de janeiro e 2 de fevereiro, e que reuniu diretores e assessores do Sindicato e dirigentes da Federação Brasileira de Trabalhadores da Panificação (Febrapan), que aproveitaram para discutir os caminhos e ações a serem tomadas neste ano de 2014, tendo definido como uma das prioridades a implantação da NR 12 em todo o país.

Chiquinho Pereira, presidente do Sindicato e secretário de Organização e Políticas Sindicais da UGT, citou a luta e o avanço das conquistas ao longo dos anos, falou sobre as campanhas salariais de SP e do ABC, e destacou que neste ano a mobilização dos trabalhadores será ainda mais intensa para melhorar a convenção coletiva da categoria. "Ainda temos muito a conquistar. Nossos trabalhadores e suas famílias merecem mais conforto e qualidade de vida."



Mais uma vez, o presidente enfatizou a importância do cumprimento da NR 12 na saúde e segurança dos trabalhadores. "Essa é uma questão de honra para nós. A NR 12 é Lei e, como tal, deve ser cumprida", lembrando a luta do Sindicato para o cumprimento da troca de equipamentos como determina a norma e no combate a movimentos de empresários pela anulação da NR 12.

PALESTRAS ELUCIDATIVAS E DEBATES FERVOROSOS

O seminário contou com convidados palestrantes que engrandeceram o evento. Bastante elucidativas, as palestras foram o ponto alto do evento, gerando debates entre os participantes. Convidado para falar sobre o Ministério Público do Trabalho e o Movimento Sindical, Francisco Gerson Marques, Procurador Regional do

deputado federal pelo PPS, ao falar sobre as eleições deste ano, ponderou que a ideia que vai nortear os debates é o clamor por mudanças. Falou sobre o baixo crescimento da economia, educação e reformas políticas e a falta de políticas de longo prazo. "Esse governo hipotecou o futuro do País e o Brasil continua sendo um grande bolsão de miséria."

O seminário contou ainda com as palestras de Natal Leo, presidente do Sindicato Nacional dos Aposentados da UGT, sobre o Papel do Mo-

vimento Sindical em Segurança e Saúde no Trabalho; do sociólogo e consultor da UGT, Edson Luiz, que falou sobre Conjuntura Política Sindical; Erledes Elias da Silveira, coordenador da Secretaria de Organização e Políticas Sindicais da UGT, com o tema O Sindicato Dentro e Fora das Empresas; do economista Eduardo Rocha sobre Conjuntura Econômica Nacional; e do jornalista e colunista do Correio Braziliense Luiz Carlos Azedo com o tema Além dos Aviões de Carreira.

Trabalhadores ganham mais uma colônia de férias na Praia Grande



Maquete

Na área de lazer, a categoria vai ganhar mais uma colônia de férias, a da Praia Grande. Trabalhadores em assembleia aprovaram recentemente a continuidade da obra que conta com uma área de 6,6 mil metros quadrados de construção com tudo o que há de mais moderno na arquitetura hoteleira. Pela sua proximidade com São Paulo, 74 km, mais do que uma opção de lazer, a colônia da Praia Grande vai facilitar o acesso dos nossos trabalhadores, que dis-

põem de apenas uma folga na semana, ao descanso e lazer mais que merecido.

Situada entre as avenidas dos Sindicatos e Presidente Kennedy, a uma quadra da praia, o centro de lazer conta com 72 apartamentos com sacada; piscina adulta e infantil; área gourmet; playground; academia; terraço com jardim panorâmico; quadra poliesportiva; praça de convivência; brinquedoteca; auditório; salão de jogos; home theater; estacionamento.

Trabalho (CE) e Coordenador Nacional da Promoção da Liberdade Sindical (Conalis), defendeu o diálogo entre o sindicato e o MPT em prol do trabalhador e de toda a sociedade e admitiu ser possível evoluir mediante "consenso e diálogo". Outros temas abordados pelo procurador foram o custeio sindical, a transparência contábil e a representatividade sindical.

Outro palestrante, Roberto Freire,



Mobilidade urbana

SUGESTÕES PARA SAIRMOS DA MARCHA LENTA

No passado bem distante, quando o homem ainda precisava caçar para sobreviver, a distância percorrida diariamente era de 40 quilômetros, sempre a pé. Hoje, segundo pesquisas, o homem anda em média dois quilômetros. O resultado é a obesidade, que prejudica a saúde e tira qualidade de vida. Para sobreviver, o homem trocou os pés descalços ou a sola do sapato pela roda. Isso gerou um tipo de obesidade que se vê nas ruas das grandes cidades, especialmente São Paulo, a maior da América do Sul.

Os carros parados ou andando em velocidade inferior ao do passo humano, em ruas e avenidas congestionadas, são o principal sintoma de que esse organis-



O RODOANEL AJUDOU, MAS AINDA NÃO ESTÁ COMPLETO, E É POR ISSO QUE A MARGINAL TIETÊ TEM TRÁFEGO MUITO INTENSO

mo social chamado malha urbana perdeu a vitalidade e vive se arrastando com a mesma dificuldade de um obeso em nível mórbido.

Há carros demais para ruas de menos. Na defesa da nossa indústria, o governo incentivou a produção e a venda de carros, mas se esqueceu de que, para se movimentarem, é preciso ter espaço na cidade. E está cada vez mais difícil.

A decisão a ser tomada é: ou se desestimula o uso de automóvel ou vamos continuar na marcha lenta.

A atual administração municipal fez a sua escolha e procura estrangular na malha urbana o espaço para o automóvel. O problema é que ainda continuamos na marcha lenta porque as pessoas continuam utilizando os carros, seja por conforto, hábito ou simplesmente falta de opção.

O número de ônibus não aumentou e as linhas não atendem todas as regiões. Mas culpar a prefeitura pela falta de opção de transporte coletivo é injusto.

São Paulo é o coração de uma metrópole e por aqui circulam carros de mais 38 municípios. A cidade precisa de mais linhas de metrô e de trem, modais de transporte que são

de responsabilidade exclusiva do governo do Estado.

A cidade é uma das poucas entre as grandes que não têm acesso a aeroporto por metrô ou trem.

Também falta opção de rotas alternativas para caminhões e ônibus que vêm do interior com destino ao porto de Santos ou a outras regiões do Brasil.

O Rodoanel ajudou, mas ainda não está completo, e é por isso que a Marginal Tietê tem tráfego muito intenso. Além de investir no transporte coletivo e de tirar da cidade veículos de passagem, é preciso começar a discutir um novo estilo de vida.

Adhemar de Barros dizia que governar é abrir estradas, e ele fez isso, no seu tempo, há mais de 60 anos. Hoje, o conceito continua atual, mas o tipo de estrada mudou.

É preciso mais linhas de acesso à internet, de forma gratuita, por toda cidade. É na via digital que as pessoas trafegam para fazer negócios e estabelecer relacionamentos. Ou seja, é preciso dar opção para que as pessoas não precisem se deslocar pessoalmente.

Os órgãos públicos, o comércio, os bancos e até serviços de saúde devem ser acessados cada vez mais

pela internet. Este é um caminho que pode tirar veículos das ruas.

É claro que vai depender da mudança de hábito, e não é fácil fazer isso de uma hora para outra.

O importante é ter em mente que vivemos numa democracia e, se eu tenho o direito de ir de carro para algum lugar, o outro também tem. Deixar o carro na garagem deve ser uma opção, não uma obrigação.

Por isso, cabe a todos nós, sociedade e governo, buscar alternativas ao transporte individual. Táxi mais barato, mais ônibus, mais metrô, mais trem e mais ciclovias devem ser a nossa bandeira.

Tudo isso e mais um pouco: usar a estrada digital não apenas para lazer, mas como o percurso natural do mundo que evoluiu e faz seus negócios pelo caminho virtual. Importante é que seja seguro e eficiente.

Só assim voltaremos a ter a malha urbana saudável, fazendo de nossos deslocamentos inevitáveis, senão momentos de alegria, pelo menos de normalidade, nunca de sofrimento.



Nelo Rodolfo é jornalista, radialista, advogado e vereador em seu terceiro mandato na cidade de São Paulo

UGT QUER AUTONOMIA DA MULHER E LUTAR POR SEU PROTAGONISMO NO ESPAÇO PROFISSIONAL

Conferência Nacional de Gênero e Raça da UGT mostra que temática da mulher enquanto mãe, trabalhadora e negra deve ser transversalizada por todas as secretarias da Central para um avanço nas bandeiras de luta do movimento sindical e da sociedade



Na “I Conferência Nacional de Gênero e Raça da UGT”, realizada em março de 2013, a Central registrou um marco em suas ações enquanto movimento sindical ao voltar seu foco para políticas afirmativas na questão da igualdade racial, diversidade e enfrentamento a todas as formas de violência da mulher. Um ano depois, com a “II Conferência Nacional de Gênero e Raça da UGT”, a União Geral dos Trabalhadores mostra que a inclusão feminina no mercado de trabalho foi um avanço, mas igualdade e qualificação da mulher trabalhadora são questões que ainda merecem atenção para ter sua autonomia. Entre os dias 25 e 27 de março deste ano, a UGT, de norte a sul do Brasil, esteve reunida no Hotel Terras Altas, em Itapeceira da Serra, em SP, com o objetivo de incorporar a luta de gênero e raça nas diversas secretarias da UGT.

Coordenado por Ana Cristina dos Santos Duarte, secretária nacional da Diversidade Humana, e por Cássia Bufelli,

secretária nacional da Mulher, ambas da UGT, o evento coloca uma questão: qual o papel da mulher?

Para responder, é necessário um novo contexto cultural dentro do meio do trabalho. E com debates pela “Autonomia Econômica, Política e Sindical da Mulher”; pelo “Fim de Todas as Formas de Violência contra a Mulher”; e para “Combater a Discriminação da Mulher Negra no Mundo do Trabalho”, que a UGT mostra a mulher que queremos. Qualificada para ocupar cargos de liderança, que tenha equidade salarial, direitos compartilhados com os homens no cuidado com o filho e que governos e empresas incorporem em suas políticas ações como creches integrais para adequar sua agenda de trabalho.

Campanhas são necessárias, mas com cada um implantando mudanças em suas bases é que se dá início às mudanças. Representantes de governo, dirigentes ugetistas, sindicatos filiados e movimentos sociais se debruçaram num panorama que traçou o histórico do DNA do Brasil, de onde vem a origem da escravatura e o conseqüente trabalho escravo e a violência; a emancipação da sociedade patriarcal e a perda da matriz social, que em sociedades africanas tinha a mulher como exemplo de força – o que engloba a luta da mulher pelo direito ao voto, a conquista pelo espaço na política, em entidades sindicais (ambientes predominantemente masculinos) e a conquista por cargos de diretorias nos locais de trabalho – são caminhos que a mulher percorreu, mas ainda é preciso mais.

As mulheres conquistaram a política de cotas, que estabelece que ocupem 30% nos cargos de direção. “Temos que procurar de diversas formas para essa diversidade que reflete no ambiente de trabalho. Vamos transversalizar e unir forças em todas as formas de discriminação, e não só gênero e raça”, abrange Cássia Bufelli. Para ela, as políticas devem ser cons-

truídas olho no olho. “Esse papel de protagonista, de sujeito da nossa história, cabe a nós”, sintetiza.

Wagner José de Souza, secretário adjunto de Relações Internacionais da UGT, representou o presidente nacional da UGT, Ricardo Patah. Lembrou que desde o primeiro dia de existência da UGT, em 2007, a maior bandeira foi lutar pelo trabalho decente e a Central vem atuando até os dias de hoje. Entre convenções que a UGT participou e aprovou na OIT – como a 189 (domésticas) – o secretário ressaltou a Convenção da OEA (Organização dos Estados Americanos) sobre questão racial e xenofobia. “Temos no Brasil um cora-ção aberto, mas ainda temos o

problema de excluir aqueles que chegam. A nossa sociedade precisa extinguir esta chaga. E quem tem que combater somos nós sindicalistas.”

A mulher ainda é parte de uma estatística de violência que vem sendo incorporada na luta do movimento sindical. Canindé Pegado, secretário geral da UGT, destaca que, para a UGT, “o que é importante é que somos movidos a desafios. Dentro de todos esses desafios, talvez a luta maior seja a de igualdade de oportunidades e o enfrentamento dessas questões relacionadas à violência, que, apesar da legislação existente, ainda vemos e ouvimos denúncias e mais denúncias sobre a questão da discriminação racial, seja no comér-

cio, aonde for. Vamos nos desafiar e encontrar a resposta necessária e levar para a frente as propostas defendidas nos Congressos da UGT”, sinaliza.

Das propostas levantadas na Conferência, foi elaborado um documento que será encaminhado aos presidentes das UGTs Estaduais, para que possam, em Assembleia, criar uma proposta geral da UGT, que seja votada no 3o Congresso da Central, para colaborar com políticas públicas e ações privadas. Para Cássia, é preciso pensar as políticas de Estado e se fazer, além de campanhas nacionais, audiências públicas. Ana Cristina Duarte pontuou a necessidade de parcerias e que tipo de parceiros o movimento está buscando para isso.

Para Mônica Mata Roma, secretária adjunta de Relações Internacionais, com a Conferência a UGT avança 100% nessa discussão de gênero e raça. “A OIT vai discutir o trabalho escravo este ano em uma de suas comissões e o movimento sindical, enquanto representante da classe trabalhadora, precisa estar lá, levando suas ideias e reivindicações”, resalta o papel do movimento enquanto ator político.

Um movimento sindical mais atuante – junto aos trabalhadores, no mercado de trabalho e escolas, com material de apoio, atenção ao trabalho informal, grupo de trabalho voltado para as domésticas, igualdade salarial e políticas reparatórias – as

centrais fomentarem políticas públicas com relação à questão de superação de raça, sexual e gênero foram itens de destaque das atividades que terão andamento.

A conquista do trabalho doméstico foi um ponto vitorioso de uma Conferência à outra. A violência e o trabalho escravo ainda são assuntos que devem ser ressaltados. Para isso, a “II Conferência Nacional de Gênero e Raça da UGT” encerrou o evento com foco na criação de duas importantes Secretarias para a UGT: a do Trabalhador e Trabalhadora Domésticos e de LGBT, uma vez que qualquer forma de preconceito é crime e a homofobia anda solta e hedionda pelas ruas do País.



Canindé Pegado, secretário geral da UGT, enfatizou que as mulheres ainda fazem parte de uma estatística de violência, mas que as ações promovidas pela UGT e por todo o movimento sindical buscam mudar essa triste realidade com iniciativas que promovam a inclusão social, a igualdade entre gêneros e a rígida punição dos agressores

Posse da diretoria do SATED-SP reafirma

UNIDADE DE LUTA DA CLASSE ARTÍSTICA

Tendo da categoria o reconhecimento pelo trabalho que desempenha em prol da profissão, pela cidadania e pela arte brasileira, Ligia de Paula é reeleita presidente do Sindicato

Reconduzida à presidência do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões de São Paulo (SATED-SP), Ligia de Paula Souza tomou posse, em 13 de janeiro, na sede da União Geral dos Trabalhadores (UGT), em meio ao apoio de representantes de sindicatos de artistas de todo o Brasil.

“Este é um momento pessoal de gratidão pelo reconhecimento e pelo voto de confiança que a categoria depositou nesta diretoria, pelo carinho e respeito de todos os companheiros que estiveram aqui para prestigiar essa posse. Gratidão também pelo quadro de funcionários do Sindicato, que, para nós, foi muito importante, porque numa eleição não é um presidente que ganha, mas sim toda uma equipe de trabalho”, explica Ligia de Paula Souza, presidente do SATED-SP.

O evento contou com a presença de representantes de Sindicatos de Artistas e Técnicos de todo o País, como: Camilo Torres, da Associação Brasileira do Circo (ABRACIRCO); Verônica Gomes, Espírito Santo; Christo Dikoff, Paraná; Rosa Campos Velho, Rio Grande do Sul; Magdalena Rodrigues, Minas Gerais; Ivonete Melo, Pernambuco; Delcio Marinho, Rio de Janeiro; Oscar Roney, Ceará; Fernando Marinho, Bahia; Lari Salles, Piauí; além de Sergio Maurone, presidente da Sociedad Uruguaya de Actores e tantos outros trabalhadores e trabalhadoras do setor artístico, como de dança ou técnicos em espetáculos, que não deixaram de parabenizar a presidente Ligia e sua diretoria.

“Prestigiar o sindicato de São Paulo é muito bom porque o trabalho desenvolvido aqui é muito próximo das outras instituições, principalmente das menores, então, assim, ele está sempre presente tanto no Brasil quanto na Federação Internacional de Atores”, conta Verônica Gomes.

“Estou feliz porque conheço a Ligia há muitos anos, ela é uma companheira que também já esteve conosco no Rio de Janeiro e conhecemos a sua luta e dedicação em prol da categoria artística”, diz Delcio Marinho.



Ligia de Paula Souza, presidente SATED-SP

Um dos maiores desafios do setor é o reconhecimento da classe artística como uma categoria de trabalhadores e trabalhadoras da arte e dos espetáculos que precisam lutar por seus direitos e avançar com as reivindicações que promovam melhores condições para todos. “Nossa luta é pelo respeito profissional, reconhecimento da atividade artística e técnica, pela cidadania, nosso compromisso público com a arte, com o País”, enfatiza Lígia.

“O trabalho artístico é um trabalho como outro qualquer, pois, para se estrear um espetáculo, é pre-

ciso organização, e, para ter essa organização, é preciso ter quem contrata, quem paga, quem organiza o trabalho como um todo. No meio artís-

tico isso costuma ter uma conotação amadora e, só depois que dá errado, os artistas lembram que o Sindicato existe porque eles não receberam”, explica Magdalena Rodrigues.

Segundo Rosa Campos Velho, não existe luta fácil quando se fala em movimento sindical, mas ressaltou que um dos mais importantes e históricos desafios que a nova presidente do SATED-SP tem de enfrentar é o de difundir na sociedade que a classe artística, em geral, é a engrenagem

que contribui para mover um sistema composto por técnicos em espetáculos, iluminadores, figurinistas, maquiadores, cabeleireiros, diretores de arte e fotografia, manobristas, faxineiros, entre outros. “As pessoas vão a um teatro ou assistem a um espetáculo na rua e elas não têm ideia do trabalho que isso dá e de que nós somos trabalhadores da arte, um bando de doidos que resolveram se juntar para fazer uma peça em algum lugar”, comenta a dirigente.



Diretoria eleita para o período de 2014/2017

SATEDS DE TODO O BRASIL CRIAM FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ARTISTAS E TÉCNICOS EM ESPETÁCULO

Aproveitando o ensejo da posse da nova diretoria do SATED-SP, os representantes dos artistas consolidaram a criação da Federação Nacional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão.

A Federação, que é um sonho antigo da categoria, se concretizou após um encontro nacional que ocorreu no Rio Grande Sul. “A Federação era um anseio de 15 anos, mas foi feito paulatinamente até que chegássemos em um consenso para fundarmos a entidade que

contemplasse todas as SATEDS do Brasil”, explica Ligia.

O presidente da Sociedad Uruguaya de Actores, Sérgio Mautone, ressaltou a importância dos artistas brasileiros fundarem uma federação que fortaleça à luta da categoria e agregue a organização dos trabalhadores e trabalhadoras da área artística de todo o País. “O Brasil é um país continente e, à medida que o País alcança na unidade interna, é importante para a unidade da categoria na América

Latina. Creio que isso seja bom para os atores latino americanos, pois os brasileiros deram grande passo que vai impactar favoravelmente na melhoria das condições de trabalho”, diz o dirigente.

“Cada Estado tem sua diferença, seus problemas e realidades, então a Federação vai fazer com que a gente se solidifique como um Sindicato Nacional, fortalecendo nossas ações para pressionar as esferas federal, municipal e estadual”, conclui Christo Dikoff.

ONU declara que 2014 é o ANO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Esta é uma cultura que fortalece o enfrentamento à fome, promove a segurança alimentar, gera emprego e renda para a população do campo

A Organização das Nações Unidas (ONU), por meio da FAO, setor da entidade que atua como um fórum na luta pela erradicação da fome e em prol da segurança alimentar no mundo, declarou que 2014 é o Ano Internacional da Agricultura Familiar (AIAF). Com o objetivo de fortalecer o debate em relação ao tema, as pro-

postas do AIAF 2014 buscam promover uma ampla discussão que vise conscientizar nações quanto à importância de se incentivar a agricultura familiar e contribuir para que os pequenos produtores enfrentem seus desafios.

Segundo dados da FAO, 80% das propriedades da América Latina e do Caribe fazem parte da agricultura familiar, o que gera cerca de 70% dos empregos agrícolas na região, representando, somente entre os países do Mercosul, a geração de 10 milhões de empregos. No Brasil, esta forma de cultivo é

responsável por 38% da produção agrícola do País, 30% no Uruguai, 25% no Chile, 20% no Paraguai e 19% na Argentina.

“Esses números demonstram a importância da agricultura familiar para a economia dos países, para a produção de alimentos e geração de empregos”, explica Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores.

Só no Brasil, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), a agricultura familiar representa 33% do Produto Interno Bruto (PIB) agropecuário e emprega 74% da mão de obra do campo. Por conta das políticas públicas que visam fortalecer o setor, principalmente no que se refere à comercialização dessa produção, caso do Programa Aquisição de Alimentos (PAA) e Alimentação Escolar (Pnae), a renda desses produtores teve um crescimento de 52%, contudo ainda está longe de ser o ideal.

“A agricultura familiar é uma forma de produção que precisa ser vista por diversos aspectos, pois, além de fortalecer o enfrentamento à fome no mundo e promover a segurança alimentar, essa cultura enfrenta também o êxodo rural que leva para as grandes cidades famílias inteiras que, em busca de melhores condições de vida, se sujeitam a viver em condições degradantes, agravando os problemas habitacionais dos centros urbanos e, no final das contas, não conseguem retornar a seu lugar de origem”, comenta Patah.

A partir do momento que a ONU reconhece a importância da agricultura familiar para a produção de alimentos e geração de empregos em todo o mundo, ela visa sensibilizar governos e sociedades sobre como é fundamental entender os desafios que esses pequenos produtores enfrentam para buscar identificar maneiras eficientes de apoiá-los.



Imagens: <http://www.fao.org/family-farming-2014/pl/>



A PROMOÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR E O FORTALECIMENTO DO COMBATE À FOME NO MUNDO

Segundo pesquisas da FAO, existem cerca de 500 milhões de propriedades agrícolas familiares no mundo, o que a chega a produzir 70% dos alimentos que são consumidos

Em entrevista à Revista da UGT, Alan Bojanic, representante no Brasil da Agência para Agricultura e Alimentação da ONU (FAO), falou sobre a importância da agricultura familiar na luta pela erradicação da fome no mundo e de que forma essa cultura pode enfrentar o uso indiscriminado de agrotóxicos.

Revista UGT: A ONU declarou que 2014 é o Ano Internacional da Agricultura Familiar. Qual a importância dessa ação, principalmente para fortalecer a luta pela erradicação da fome no mundo?

Alan Bojanic: A escolha por esse tema tem como objetivo aumentar a visibilidade da agricultura familiar e dos pequenos agricultores. Também queremos reposi-

cionar a agricultura familiar no centro das políticas agrícolas, ambientais e sociais nas agendas nacionais, identificando lacunas e oportunidades para promover uma mudança rumo a um desenvolvimento mais equitativo e equilibrado. Durante esse ano, pretendemos fazer uma ampla discussão e cooperação no âmbito nacional, regional e global para aumentar a conscientização e entendimento dos desafios que os pequenos agricultores enfrentam e ajudam a identificar maneiras eficientes de apoiar esse setor.

UGT: De que forma a FAO pretende fomentar as discussões sobre agricultura familiar entre esses países?

Bojanic: Cada país vai fazer suas atividades no âmbito do Ano Internacional da Agricultura Familiar. Entre algumas ações haverá seminários em que as experiências dos agricultores familiares de uma nação poderão ser exemplificadas para outro país. A FAO, nesse contexto, vai apoiar todas as iniciativas dos países.

UGT: Qual a visão da FAO em relação à agricultura familiar?

Bojanic: Hoje 70% dos alimentos vêm da agricultura familiar. Portanto, a agricultura familiar exerce um papel importante na erradicação da fome e da pobreza, contribui para a segurança alimentar e nutricional, na melhoria dos meios de subsistência, na gestão dos recursos naturais, na proteção do meio ambiente e, também, para o desenvolvimento sustentável, particularmente, nas áreas rurais. Há mais de 500 milhões de propriedades agrícolas familiares no mundo, segundo uma pesquisa realizada pela FAO em 93 países. Os agricultores familiares representam, em média, mais de 80% de

todas as explorações. Tanto em países desenvolvidos como nas nações em desenvolvimento, eles são os principais produtores de alimentos de consumo local e os principais "administradores" da segurança alimentar.

UGT: É impossível falar de produção de alimentos sem mencionar o uso de agrotóxicos e o Brasil é um dos campeões nessa utilização. De que forma é possível enfrentar essa cultura sem influenciar na quantidade de alimentos que são produzidos?

Bojanic: No Brasil, muito embora ainda seja significativo o uso de agrotóxicos pelos agricultores em geral, inúmeros trabalhos têm sido desenvolvidos por institutos de pesquisa estaduais, pela Embrapa e por organizações não governamentais que oportunizam o conhecimento de pesquisas aos agricultores, permitindo-os produzirem sem o uso de agrotóxicos ou com redução significativa do mesmo.

Esta situação tem permitido o crescimento anual do número de Organizações de Controle Social (OCSs) e Organismos Participativos de Avaliação da Conformidade (OPACs), bem como do número de produtores de orgânicos (crescimento de aproximadamente 20% entre 2012 e 2013).

O lançamento do Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO) foi um importante passo do Governo Brasileiro como apoio à produção orgânica. Estas políticas públicas devem somar-se a leis mais rígidas que permitam uma fiscalização mais efetiva quanto à produção e aplicação dos agrotóxicos. A este processo é necessário aliar propostas de formação dos futuros profissionais que considerem a necessidade de produção de alimentos sem o uso de pesticidas.

UGT: A agricultura familiar pode contribuir para a diminuição do uso de agrotóxicos? De que forma?

Bojanic: Sem dúvida, a agricultura familiar tem papel importante na redução do uso dos agrotóxicos no Brasil, entretanto necessita de uma série de suportes para que ocorram os avanços desejados. Pesquisa e assistências técnicas acessí-

veis e amplo espaço de discussão sobre o uso de agrotóxico na produção de alimentos, aliados a políticas públicas que ofereçam apoio à produção e à comercialização de alimentos orgânicos são requisitos importantes no processo de redução do uso dos agrotóxicos. O Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE) no momento que adquirir apenas alimentos com certificação orgânica poderá contribuir para o avanço de proposta desta natureza.

UGT: Segundo dados da FAO, no Mercosul, este é um setor que emprega cerca de 10 milhões de pessoas, mas houve um declínio dos gastos públicos em agricultura familiar. Por que isso vem acontecendo e quais as consequências disso?

Bojanic: Na América Latina e Caribe, 80% das propriedades agrícolas fazem parte da agricultura familiar (estima-se aproximadamente 5,2 milhões de estabelecimentos) e respondem por aproximadamente 70% da produção de alimentos. São mais de 30 milhões de pessoas, das quais mais de 10 milhões estão empregadas no setor. Mesmo com toda esta dimensão, constata-se que os gastos públicos com agricultura no MERCOSUL reduziram-se de 6,9% em 1980 para 1,9% em 2007.

Esta é a realidade de diversos países da ALC. Os esforços da FAO estão voltados a reverter esta situação, promovendo discussões sobre o tema e incentivando os países a estabelecerem políticas públicas que ampliem o reconhecimento e valorizem o papel dos agricultores familiares, especialmente pela importância destes para a segurança alimentar da população deste continente.

Uma iniciativa importante na busca de reverter esta situação foi a criação no Mercosul do Fundo da Agricultura Familiar, no início de 2013, e a Reunião Especializada sobre Agricultura Familiar - REAF.

UGT: De que forma as centrais sindicais, como a UGT, podem contribuir para o Ano Internacional da Agricultura Familiar?

Bojanic: Todas as centrais sindicais podem contribuir com as atividades do AIAF

2014, quer por sua inserção na sociedade, quer pelos inúmeros sindicatos de agricultores filiados. Mesmo as centrais sindicais que atuam junto à categorias de trabalhadores urbanos também podem contribuir na discussão dos temas do AIAF 2014.

Importante lembrar que os trabalhadores urbanos consomem diariamente alimentos produzidos pelos agricultores familiares e que seus filhos, em idade escolar, também consomem produtos do PNAE. Estes motivos seriam mais que suficientes para as entidades se inserirem nestas discussões.

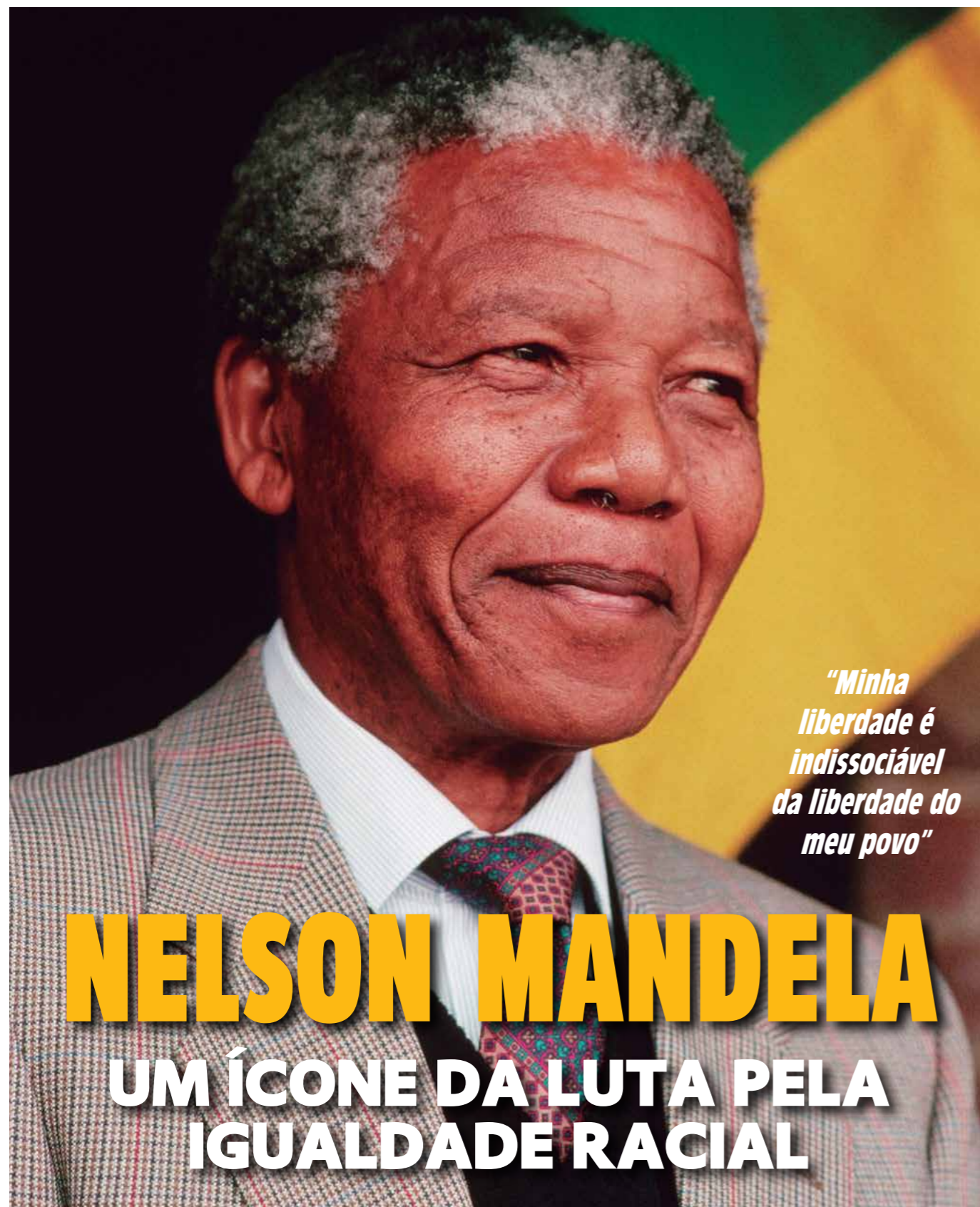
Os meios de comunicação internos das centrais sindicais e dos sindicatos filiados são importantes vetores nos esclarecimentos sobre uma série de questões que foram tratadas anteriormente. Temas como segurança alimentar, agrotóxico, agricultura familiar, agricultura orgânica e tantos outros relacionados ao rural poderiam ser pautados nos meios de comunicação visando esclarecer aos filiados sobre a importância e a necessidade de valorização que deve ser dada aos agricultores familiares.



ALAN BOJANIC
é engenheiro agrônomo, doutor em economia agrícola e representante da FAO no Brasil



"A AGRICULTURA FAMILIAR TEM PAPEL IMPORTANTE NA REDUÇÃO DO USO DOS AGROTÓXICOS NO BRASIL, ENTRETANTO NECESSITA DE UMA SÉRIE DE SUPORTES PARA QUE OCORRAM OS AVANÇOS DESEJADOS"



“Minha liberdade é indissociável da liberdade do meu povo”

NELSON MANDELA

UM ÍCONE DA LUTA PELA IGUALDADE RACIAL

Com a morte de Nelson Mandela, a humanidade perdeu um dos ícones da luta contra a segregação racial, uma pessoa que deixa um legado que ultrapassa sua história de vida e prova que somente com amor ao próximo e respeito às diferenças será possível construir uma sociedade justa e igualitária.

Essa lição fica evidente quando Mandela, em 1986, ainda em seu cárcere, diz que “Minha liberdade é indissociável da liberdade do meu povo”, logo após a comunidade internacional pressionar o governo sul-africano para que o soltasse, liberdade que foi concedida desde que ele ficasse longe do continente africano, num exílio.

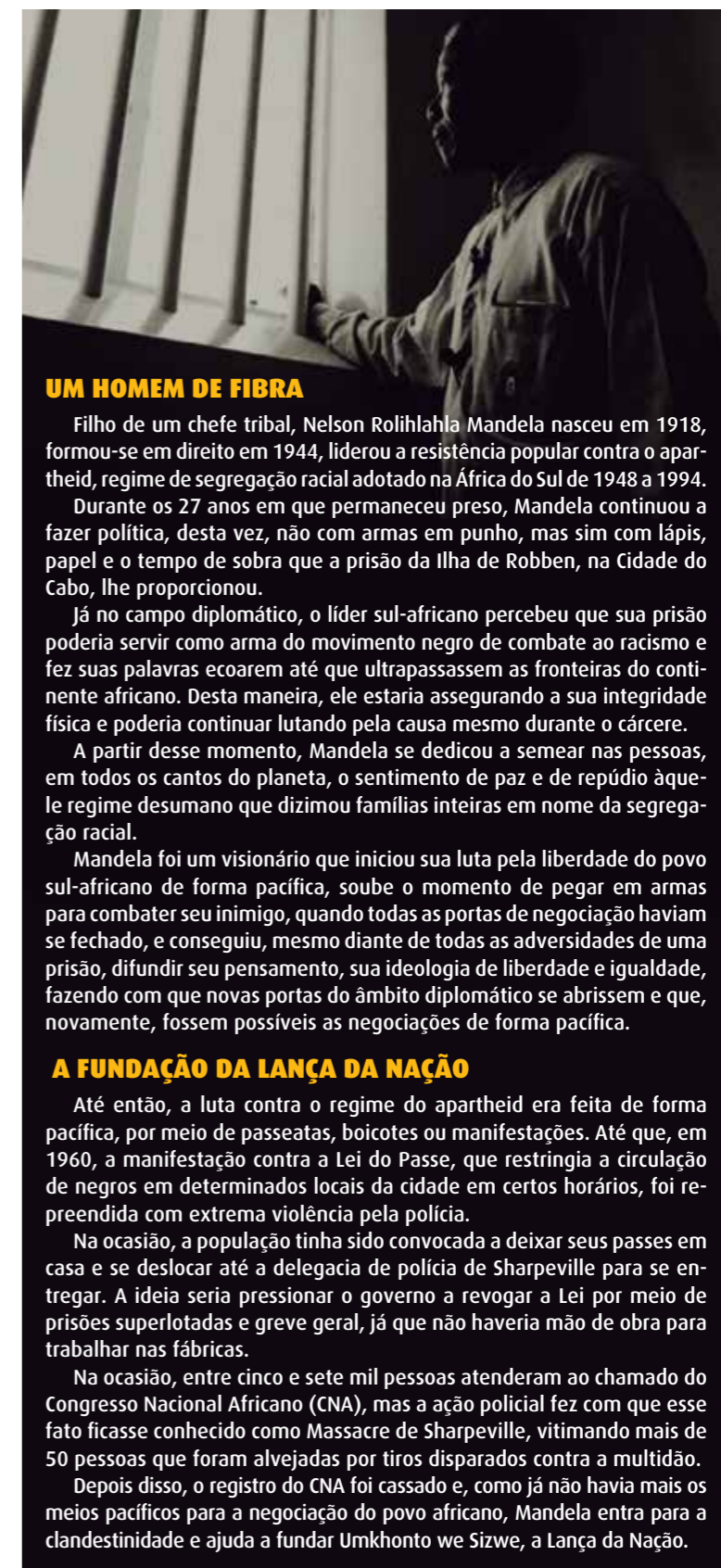
Neste momento, Mandela provou para o mundo todo que a luta pela liberdade da população africana era tão importante quanto a sua própria vida e que não adiantava ele viver livre enquanto seu povo continuasse na sombra do apartheid e à mercê da segregação racial adotada pelo governo da África do Sul de 1948 a 1994.

Madiba, como também era chamado Mandela, foi a figura máxima entre os militantes que enfrentaram o regime opressor africano. Fundou a liga juvenil no Congresso Nacional Africano (CNA), partido de maioria negra, liderou a resistência ao apartheid, desde a aposta na estratégia de não violência até a fundação do braço armado do CNA, a Umkhonto we Sizwe, a Lança da Nação.

Em 1964 foi preso e condenado à prisão perpétua, mas ganhou a liberdade em 1990. Assumiu a presidência da República entre 1994 e 1999, mas não conseguiu implementar todas as mudanças que o país precisava para enfrentar, mais firmemente, a cultura racista que havia permanecido pós-apartheid e, principalmente, a pobreza.

Mesmo assim, sua trajetória de vida e de luta é uma lição para qualquer pessoa que sonha com uma sociedade justa. Ao enfrentar a segregação racial em seu País, Mandela não só se opôs à discriminação que girava em torno da cor da pele, ele combateu toda a forma de preconceito e mostrou que, para uma nação ser justa, ela precisa respeitar cada cidadão e suas diferenças.

Nelson Mandela faleceu, aos 95 anos, em Joanesburgo, África do Sul, em 05 de dezembro de 2013, deixando um legado para todas as sociedades de que é possível consolidar a democracia no mundo, desde que não haja exclusão.



UM HOMEM DE FIBRA

Filho de um chefe tribal, Nelson Rolihlahla Mandela nasceu em 1918, formou-se em direito em 1944, liderou a resistência popular contra o apartheid, regime de segregação racial adotado na África do Sul de 1948 a 1994.

Durante os 27 anos em que permaneceu preso, Mandela continuou a fazer política, desta vez, não com armas em punho, mas sim com lápis, papel e o tempo de sobra que a prisão da Ilha de Robben, na Cidade do Cabo, lhe proporcionou.

Já no campo diplomático, o líder sul-africano percebeu que sua prisão poderia servir como arma do movimento negro de combate ao racismo e fez suas palavras ecoarem até que ultrapassassem as fronteiras do continente africano. Desta maneira, ele estaria assegurando a sua integridade física e poderia continuar lutando pela causa mesmo durante o cárcere.

A partir desse momento, Mandela se dedicou a semear nas pessoas, em todos os cantos do planeta, o sentimento de paz e de repúdio àquele regime desumano que dizimou famílias inteiras em nome da segregação racial.

Mandela foi um visionário que iniciou sua luta pela liberdade do povo sul-africano de forma pacífica, soube o momento de pegar em armas para combater seu inimigo, quando todas as portas de negociação haviam se fechado, e conseguiu, mesmo diante de todas as adversidades de uma prisão, difundir seu pensamento, sua ideologia de liberdade e igualdade, fazendo com que novas portas do âmbito diplomático se abrissem e que, novamente, fossem possíveis as negociações de forma pacífica.

A FUNDAÇÃO DA LANÇA DA NAÇÃO

Até então, a luta contra o regime do apartheid era feita de forma pacífica, por meio de passeatas, boicotes ou manifestações. Até que, em 1960, a manifestação contra a Lei do Passe, que restringia a circulação de negros em determinados locais da cidade em certos horários, foi reprimida com extrema violência pela polícia.

Na ocasião, a população tinha sido convocada a deixar seus passes em casa e se deslocar até a delegacia de polícia de Sharpeville para se entregar. A ideia seria pressionar o governo a revogar a Lei por meio de prisões superlotadas e greve geral, já que não haveria mão de obra para trabalhar nas fábricas.

Na ocasião, entre cinco e sete mil pessoas atenderam ao chamado do Congresso Nacional Africano (CNA), mas a ação policial fez com que esse fato ficasse conhecido como Massacre de Sharpeville, vitimando mais de 50 pessoas que foram alvejadas por tiros disparados contra a multidão.

Depois disso, o registro do CNA foi cassado e, como já não havia mais os meios pacíficos para a negociação do povo africano, Mandela entra para a clandestinidade e ajuda a fundar Umkhonto we Sizwe, a Lança da Nação.



Presidente Dilma participa da abertura da III Conapir

A III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Conapir), que aconteceu entre os dias 05 e 07 de novembro, contou com a participação da União Geral dos Trabalhadores (UGT), por meio da sua secretária nacional para Assuntos da Diversidade Humana, Ana Cristina dos Santos Duarte, que conquistou, em 2012, um assento no Conselho Nacional pela Promoção da Igualdade Racial.

Com o tema “Democracia e desenvolvimento sem racismo: por um Brasil afirmativo”, o evento foi aberto pela presidente Dilma Rousseff, que, em seu discurso, apresentou o Projeto de Lei (PL) 6738/2013, que

DEMOCRACIA E DESENVOLVIMENTO SEM RACISMO

cria para negros a reserva de 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos para cargos efetivos e empregos públicos, seja na administração pública federal, autarquias, fundações públicas, empresa e sociedades de economia mista controladas pela união.

Dilma assegurou também algumas conquistas para a população

negra como a regulamentação do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial e a criação de um órgão especializado para tratamento das questões relacionadas à saúde da comunidade negra, além de garantir que, até o primeiro semestre de 2014, todas as comunidades quilombolas do País receberão profissionais do Programa Mais Médicos.

Outro ponto fundamental da Conferência foi a assinatura de cooperação entre a Secretaria da Micro e Pequena Empresa (SM-PE) e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), que tem como objetivo a adoção de ações conjuntas que visam a promoção do desenvolvimento do artesanato quilombola e para que essa produção melhore o acesso no mercado comercial.

A convite de Ana Cristina, os dirigentes sindicais americanos da Union Auto Workers (UAW), Ginny Coughlin e Rafael Messias, também participaram do evento e foram apresentados à ministra Luiza Bairros.

A UAW há oito anos luta para tentar organizar um sindicato dentro da fábrica da Nissan, em Canton, no estado do Mississippi, mas, devido às práticas antissindicais promovidas pela empresa, esta tem sido uma missão árdua. Os trabalhadores e trabalhadoras, em sua maioria afro-americanos, continuam sofrendo com assédio moral, jornadas de trabalho excessivas, baixos salários, entre outras situações que caracterizam o desrespeito a esses profissionais.

A UGT vem intensificando suas ações em prol da cultura de igualdade racial e pela erradicação do preconceito e da discriminação no local de trabalho, contudo o caminho é longo e cheio de obstáculos até que se alcance o anseio da Central, que luta por uma sociedade mais justa e igualitária. “Não é fácil, mas, com perseverança, alcançaremos nossos objetivos. Passos importantes já foram dados tanto no que se refere ao mercado de trabalho para a população negra quanto à sua saúde, mas é preciso avançar”, explica Ana Cristina.



FORÇAS INTERNACIONAIS DE PAZ DA ONU CONDECORAM RICARDO PATAH

A luta por uma sociedade mais justa, igualitária, com valorização da classe trabalhadora e melhor distribuição de renda também é um conjunto de ações que buscam promover a paz

Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT) e do Sindicato dos Comerciantes de São Paulo, foi condecorado com a Medalha Cinquentenária das Forças de Paz do Brasil, no dia 14 de fevereiro, em São Paulo.

A condecoração oferecida pela Associação Brasileira das Forças Internacionais de Paz da ONU (Organização das Nações Unidas) é destinada às pessoas que desenvolvem ações que tenham o objetivo de promover a paz na sociedade e o dirigente ugetista, graças ao conjunto das atividades que desempenha à frente das entidades sindicais, foi um dos homenageados.

Emocionado, Ricardo Patah agradeceu pelo reconhecimento e destacou que a medalha não é uma homenagem destinada a sua pessoa, mas a todas as atividades que são desenvolvidas nas entidades sindicais que ele preside. “Este é o

reconhecimento do conjunto das ações que nós desenvolvemos no movimento sindical. Então esta medalha não é minha, e sim de todos os funcionários da UGT e do Sindicato, que prestam um serviço importantíssimo para a sociedade, e de todos os sindicatos que compõem a base ugetista, pois somente com a união e a dedicação desses agentes somos capazes de alcançar a classe trabalhadora, fortalecendo nossa atuação em prol da melhoria na qualidade de vida da população, o que diretamente busca promover a paz em nossa sociedade”, conclui o dirigente.

Segundo Walter Mello de Vargas, presidente da Associação, Patah é merecedor desse reconhecimento por fazer a diferença na nossa sociedade. “Quando falamos em paz, temos que enfatizar que a pacificação do trabalhador, que ocorre por meio das negociações, e a inclusão social são ações que têm, por natureza, essa finalidade, a promoção da paz”, diz.



UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES

Sindicalismo Cidadão, Ético e Inovador

Rua Aguiar de Barros, 144 - Bela Vista - São Paulo/SP
CEP 01316-020 - Tel.: 11 2111-7300 - Fax: 11 2111-7301

www.ugt.org.br

Ricardo Patah, presidente

BRASIL

